

Revista de Espiritismo

PUBLICAÇÃO BIMESTRAL

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

SUMÁRIO:

- O Ideal — DR.^a AMÉLIA CARDIA.
O que dá a Meditação — D. MARIA O'NEILL.
A concepção da Morte — ISIDORO DUARTE SANTOS.
Experiências Metapsíquicas — III — D. MADALENA FRONDONI LACOMBE.
O Processo contra N. S. Jesus Cristo — SOUSA DO PRADO.
A Alma Humana — VII — DR. ANTÓNIO J. FREIRE.
Sôbre o Problema do Mal — II — ANTÓNIO L. VILELA.
Inquérito — II — DEPOIMENTO DE SIR OLIVER LODGE.
Crónica Estrangeira — PEDRO CARDIA.
Congresso Espírita Internacional.
Noticiário.
Caixa de Propaganda.



Redacção e Administração:

RUA DA ASSUNÇÃO, 58
LISBOA
PORTUGAL

Número avulso 3\$00

Revista de Espiritismo

Metapsíquica - Esoterismo

Hipnomagnetismo - Ética

ÓRGÃO DA FEDERAÇÃO ESPÍRITA PORTUGUESA

Administradores: { *Vasco Infante da Camara*
Raul Zagalo Fernandes

Redacção e Administração: RUA DA ASSUNÇÃO, 58 — **LISBOA**

Comissão Directiva: *Dr. Afonso A. Martins Velho — Dr. António J. Freire*
— António L. Vilela.

Secretário de Redacção: *Pedro Cardia.*

Redactores: *D.^{ra} Amélia Cardia — D. Maria O'Neill — D. Madalena Frondoni*
Lacombe — Dr. Carneiro de Moura — Dr. João Antunes — Dr. Évora
Macedo — Dr. Amílcar de Sousa — Capitão A. Carnell — Prof. Arantes
Pereira — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque — Joaquim Quintela
Paixão — Manuel Cavaco — Ramiro Guedes de Campos — Fernando Almiro
N. Vale — Carlos dos Santos Paiva — José M. Pereira Bravo — Capitão de
Fragata Severiano Ivens Ferraz — Capitão José B. Pinto da Silva —
Capitão Augusto da Silva Flores — Capitão Eurico de Castro Zuzarte
— Tenente Manuel Caetano de Sousa.

ASSINATURAS

Portugal Continental, Ilhas e Espanha... (escudos)	15\$00
Colónias Portuguesas..... (»)	20\$00
Brasil..... (moeda brasileira - réis)	10\$000
Estrangeiro (Para todos os outros países) (francos franceses)	30

As assinaturas são anuais e pagas adiantadamente

DEPOSITARIOS

LISBOA — LIVRARIA AILLAUD & BERTRAND — Rua Garrett, 73-75

PORTO — LIVRARIA MOREIRA — Praça da Liberdade, 44

COIMBRA — LIVRARIA COIMBRA EDITORA, L.^{DA} — Rua Ferreira Borges

BRASIL — Agente Geral: Sousa do Prado - Rua General Roca, 21 - RIO DE JANEIRO

Esta número foi visado pela comissão de censura da Leiria.

Comp. e imp.

TIP. CENTRAL, LIMITADA — LEIRIA

Revista de Espiritismo

Orgão da Federação Espírita Portuguesa

O IDEAL ✓

A alma humana vive de Ideal, alimento de que não pode prescindir em qualquer parte que se encontre, desde que atinja a fase consciencial da existência.

Do mesmo modo que o corpo tem manifestas exigências inadiáveis para se manter, assim a alma, nas suas aspirações e anelos veementes, traduz o clamor de necessidades impreteríveis para poder exercer a sua acção. Essas necessidades são tanto mais imperiosas quanto mais adiantado é o estado evolutivo e sempre especializadas, em cada um de nós, pelo pendor do nosso psiquismo, revelador da nossa actividade espiritual em existências anteriores.

Quer um quer outra reclama porém alimento adequado à sua natureza específica, o único susceptível de ser respectivamente assimilado.

A actividade normal do corpo é o somatório das actividades híginas de todas as células que o compõem e na intimidade das quais se passam os actos essencialmente misteriosos, que constituem e definem a vida física — respiração, nutrição, reprodução. Para os realizar, a célula selecciona nos alimentos que o sangue leva ao seu contacto, o diminuto número de princípios químicos elementares que entram na sua constituição e de que necessita para reparar as perdas do que na função consumiu. Na sua incessante laboração, a célula viva liberta êsses corpos das suas complexas mas instáveis combinações, apropria-os a si, aproveitando-lhes as valências que lhe dão o seu dinamismo e, saturadas estas, regeita os produtos formados, substituindo os componentes que primeiro lhes cedera por elementos nascentes, rejuvenescedores das granulações celulares, portadores de novas energias — Penelope fazendo e desfazendo sem cessar a sua teia que ao cabo de ininterrupto labor permanece a mesma, invariável na forma e na essência.

Com a alma passam-se fundamentalmente operações análogas, em perfeito paralelismo nas condições normais.

A actividade desta consiste no exercício do pensamento que tem por fim exclusivo, decompondo pela abstracção a idéa nas suas partes constituintes, elevá-lo pela generalização ao verdadeiro Conhecimento, sintetizado no conjunto que aquelas partes representam, isto é, à Visão; quer ela seja a representação duma das realidades interiores espiritualmente sentidas, embora não demonstráveis, quer a do facto externo que exige um sinal objectivo e tangível para ser crido.

Ah! ter a Visão clara da essência das cousas não pode deixar de ser a aspiração suprema do espírito humano, sequioso de Ideal!

Não uma imagem material, se entende, definida pelas suas propriedades físicas, forma, côr, extensão, etc., que é aliás indispensável conhecer nos primórdios de toda a educação racional; essa que dá idêntica impressão a todos os olhos sãos, regidos pelas mesmas leis de óptica que determinam a

unidade visual, correlativa da unidade de percepção, isto é, a que acorda em todas as mentes a mesma idéa — Camões pensa necessariamente em poesia como Homero, Pedro Nunes em matemática como Pitágoras — mas a Visão do invisível, a que nos permite surpreender o elemento ignoto do fenómeno, determinar a lei da sua manifestação.

Nobilitante e dignificadora aspiração esta, que arrasta a alma deliberadamente devotada ao progresso moral, para longe da baixeza onde rasteja o trivial, o comum, que irrompe espontâneo a cada passo dos nossos instintos animais, amesquinhando-nos, e nos põe em relêvo a magnitude do esforço a empregar para combatê-los!

Porque, não é, de facto, sem um violento arranco de energia, que a criatura arremessa de si o mísero farrapo da sua personalidade física, para se consagrar conscienciosamente e sem reserva ao desenvolvimento persistente da individualidade do seu *eu*. Não é sem um real e dilacerante esforço, não, que reagimos com pertinácia sôbre as vexatórias fraquezas que ameaçam perverter-nos o carácter!

Mas essa complexa acção psíquica da maioridade da nossa razão, que precede às vezes de anos a nossa maioridade civil, não tem início originariamente na mentalidade da nossa incarnação actual. E' a continuação, em estado latente, da que exercemos nas nossas vidas passadas e que só pode revelar-se-nos quando os nossos órgãos corpóreos atingem o desenvolvimento preciso para exteriorizar os seus resultados.

Segundo as condições dessas existências anteriores, nacionalidade, *habitat*, meio social, subsídios materiais, etc., conjugadas com o pendor da índole individual, assim se especializou diversamente a nossa actividade, fortalecido no seu exercício o anseio de Ideal, a ponto de explodir, de quando em quando, em manifestações geniais, diferenciado por características accessórias subjectivas, devidas à conjugação de todas as influências exteriores e interiores.

Por essas actuações sucessivas se foi acumulando o enorme património espiritual, moral, intelectual, industrial e artístico da humanidade, que os espíritos devotados ao indestrutível Ideal voltam a custodiar na Terra, para o conservarem ileso das arremetidas da horda de vândalos inconscientes, conjurados para o abolir e substituir-lhe o materialismo, perecível e vazio de todo o significado.

Tem esta concepção um sólido alicerce no facto da precocidade infantil, relativamente freqüente na história da humanidade, e reversivamente o explica. Pois como se compreenderia um Meyerbeer dando concertos de piano aos seis anos, se não se tivesse reavivado na sua anterioridade psíquica o resíduo subconsciencial das aspirações dum ignoto Meyerbeer preexistente, que o Ideal da harmonia tivesse feito evoluir?

Como se explicaria a existência dum Ericson, nomeado aos doze anos inspector das obras do grande canal marítimo da Suécia e dirigente duma população de seiscentos operários, se o célebre engenheiro infantil não tivesse sido num passado distante um Ericson ignorado?

Georgette Gullier, de nove anos, apresentada em 1910 em Madrid como um génio musical de primeira plana, deveria ser já a êsse tempo uma cantora e decrépita velhinha, se lhe contássemos a idade pelos anos decorridos desde as primeiras manifestações das suas tendências musicais numa vida anterior. Talvez multicientenária, que sei eu!

Que dizer de Barattier, que aos onze anos falava francês, alemão, latim, grego e hebraico e que um ano depois publicou um dicionário dos vocábulos obscuros desta última língua, senão que o espírito dum erudito políglota veio animar o corpo da extraordinária criança? De Miguel Angelo a quem

aos oito anos o sábio professor dizia: «Já não tenho mais que te ensinar!»? De Mauricio Frankal, resolvendo os mais difíceis problemas por cálculo mental aos cinco anos? E de tantas outras crianças prodígios, sem mais especificar, que atestam uma especialização anterior dos espíritos que as animam, proficuamente norteadas pelo Ideal das artes, das letras, das sciências, das indústrias; daquelas mesmo que, sem chegarem a celebrar-se, fazem no âmbito restrito da intimidade familiar o espanto de parentes e amigos, pelos seus precoces conhecimentos? Pela sua singular bondade, cuja expansão faz exclamar aos pais, confrangidos na dolorosa expectativa da separação, que julgam erradamente definitiva: «Não é dêste mundo!»?

Revelado à nossa mentalidade por um ansear indefinível e vago que nos arrebatava para regiões inacessíveis aos nossos meios de conhecer, o Ideal é a reminiscência nostálgica duma realidade espiritual que sintetiza a perfeição absoluta, alvo para o qual devem tender todos os nossos esforços; entrevista nos nossos estádios astrais e nunca mais apagada do nosso subconsciente.

Escravizado às necessidades positivas da vida animal pela materialidade do nosso barro, o corpo move-se automaticamente para as satisfazer no âmbito acanhado do círculo que as restringe. Mas a alma, libérrima na sua acção, transporta-se audazmente para além dessa barreira férrea, em busca do viático mitigador da sua sede e da sua fome, em busca do Ideal, bússola que lhe norteia a travessia pelos plainos do desconhecido.

E, incitada pela voz da misteriosa Sibila interior que lhe segreda lá dentro a lei do seu destino, reconhece que o Ideal não pode vir ao seu encontro e que é preciso caminhar para êle.

É assim que o filósofo se dispõe a procurá-lo numa concepção racional do Universo que abra à inteligência do homem horizontes novos mais irrisados; o sábio na solução dos problemas em vão estudados por gerações sucessivas, para conjurar os perigos que ameaçam a humanidade na sua integridade física, social e cósmica; o artista na estética da sua obra; o poeta no ritmo dos seus versos; o asceta na comunhão com o espírito da Divindade do seu culto; o filantropo no amor acrisolado da entidade hominal.

Aquele, porém, que mais poderoso esforço tem de empregar para se liberar aos páramos do Ideal, é o investigador eclético da verdade pura em todos os ramos do Conhecimento, que, na mira desinteressada de a descobrir dá comêço racionalmente pelo preceito socrático *nosce te ipsum* ao sublime empreendimento e inicia a sua acção pelo estudo rigoroso de si próprio.

Todos nós entramos na vida munidos dos instrumentos necessários para efectuar o trabalho que nos foi cometido.

Nem de outro modo se compreenderia a providência do Supremo Architecto que nos fez construtores do nosso futuro.

Mas a execução da obra, falhada por vezes, outras tardia, depende muito do conhecimento que temos de cada ferramenta em particular e do modo mais vantajoso de utilizá-la.

O primeiro estudo daquele que deseja chegar ao conhecimento de si mesmo é, pois, o das sensações correspondentes às impressões obtidas pelos órgãos dos sentidos mais instrutivos, vista e ouvido, de que apenas lhe deram noções.

Passando da observação minuciosa dos objectos simples e das imagens familiares no curso da vida comum à contemplação atenta dos extensos quadros da natureza, a pouco e pouco nos compenetrámos da unidade que os caracteriza na diversidade infinita dos aspectos e educamos por comparação as sensações de grandeza, de vastidão, de contraste, que nos empolgam perante êles.

O mesmo sucede com o exame pormenorizado das obras de arte em que não devemos deixar escapar qualquer particularidade relativa à ponderação das proporções e das distâncias, ao ritmo do delineamento, aos cambiantes da luz, à tonalidade do colorido, etc., conjunto de que o nosso senso estético recolhe pelo sentido da vista o incentivo para um requintado gôzo espiritual, susceptível de estudo e de comparação com outros causados por impressões análogas.

A audição inteligente dos sons naturais — ciciar das brisas, gorgeios de aves, modulações diversíssimas da voz humana, detonações das descargas eléctricas atmosféricas, ensinando-nos a medir-lhes a altura, o timbre, a extensão, a pureza, a distância, leva-nos, pelo ouvido, ao estudo da sensação auditiva. A sintonização dos acordes harmoniosos e das notas melódicas, associadas nas partituras de compositores geniais, arrebatam-nos, em êxtases dulcíssimos às regiões do Ideal, pondo em vibração as cordas mais delicadas da harpa eólia que é todo o ser espiritualizado, sensível às mais imperceptíveis correntes de emoção.

Todos os outros sentidos, se bem que menos instrutivos, nos são fontes de conhecimento de nós próprios, pelo confronto que nos permitem fazer das nossas sensações as impressões que nos dão, além de serem ao mesmo tempo escudos de defesa contra perigos de natureza ignorada, por invisíveis e inaudíveis.

A quantas pessoas não teem preservado a saúde e até mesmo salvo a vida os sentidos olfactivo e gustativo, sentinelas vigilantes postadas à entrada das poternas para o reduto em que a nossa existência evolve! A cada instante, na proximidade do pântano cujos miasmas decomporiam o nosso sangue, na apreensão do alimento deteriorado, cujas ptomainas nos intoxicariam, êles nos bradam: «Alerta», advertindo-nos do perigo!

Sem êsses amigos leais muitos de nós não chegariam incólumes ao termo da jornada!

Ad hoc, para uso de espiritualistas, permito-me aqui *tradire* como segue, o aforismo do sensualista Locke: *Omnia sunt in intellectu qua prius fuerant in sensu*.

Efectivamente, o conhecimento alcançado pelos sentidos fica rigorosamente arquivado nos registos do entendimento e as aquisições assim obtidas habilitam-nos a formar juízos seguros sôbre nós mesmos, lógicamente deduzidos, se a razão preside à apreciação das emoções que elas em nós despertaram. Comparamos assim as determinantes externas dos nossos actos, como resultado dessa comparação surgem-nos logo vivas as determinantes internas, as tendências, produto da freqüente repetição dos mesmos actos, os hábitos, a índole, o carácter.

De posse dêle somos senhores nossos, se uma vontade indomável imperar.

Formá-lo, cultivar as qualidades nobres congénitas, reprimir as que nos inferiorizam, dominar os impulsos grosseiros do egoísmo, sufocar os ímpetos de cólera, de voracidade, de lubricidade, de cobiça, suplantar os estultos assomos de vaidade, de soberba, de intolerância, as veleidades grotescas de soberania e de comando, são gestos que demandam uma contenção atenta e incessante de nós mesmo, uma análise tão rigorosa dos estímulos da nossa actividade e da reacção que lhe opomos, que todo êsse trabalho corresponde a uma luta verdadeiramente titânica contra a fôrça bruta da nossa natureza animal. E, se nos fôsse dado devassar a dentro das almas heróicas e altamente evoluídas que a levam a cabo com firmeza e constância inabaláveis, a sublime odisseia que nelas se desenrola à beira da voragem dos sórdidos interesses mundanos, hiante para tragar os incautos, atraídos pelo rumorejar

da vaga, dobraríamos involuntariamente o joelho reverentes perante espectáculo de tamanha grandeza moral.

Sabendo, pois, que do berço à morte, do túmulo ao renascimento, nos acompanha, em nós reside e conosco permanece uma força irresistível que nos impele para êsse manancial de vida que é o inacessível Ideal, evitemos deliberadamente a frivolidade do vulgar meio social, propenso a ridicularizar quem não compartilhe dos seus irrisórios regalos e isolemo-nos no nosso fôro íntimo a conter, subjugar, domesticar a fera, o animal contumaz que se revolta, esbraveja e brame de raiva impotente dentro de nós, mas que acaba por se deixar afinal dominar, amansar confundido, transfigurar riosamente e conduzir resolutamente ao término do Caminho.

Todos nós temos uma missão a desempenhar. Aprontemo-nos espiritualmente para quando tocar à chamada.

Aprontarmo-nos o que é?

E' praticar a higiene da alma como praticamos a do corpo, mantendo-a pura de tôda a mancha. Robustecer a nossa coragem moral, fortalecer a nossa vontade, esclarecer a nossa inteligência, para estarmos aptos a resolver os problemas que se nos apresentem, ter decisão, ter valor, ter confiança... e esperar.

Porventura mais autorizadas, sem dúvida, que estas exortações, palavras dos nossos amigos do Além, transcritas do recente livro de Clark (« *Avant, Pendant et par delà la Vie Terrienne* ») conseguirão *resuscitar os mortos*, o que simboliza *despertar as consciências* para a vida espiritual: « Ponde-vos desde já ao *trabalho*. Por *trabalho*, quero dizer a análise da vossa entidade moral, o cuidado de passar ao crivo com atenção e severidade os vossos defeitos e as qualidades que formam o vosso *haver*. Esse exame interior, essa reflexão sôbre vós mesmos vos corrigirá, vos melhorará. Esse trabalho continuado será, sem dúvida, uma rude batalha, mas os vossos esforços terão a sua recompensa: vencereis o inimigo, o « homem que éreis dantes »; alcançareis nobres vitórias, graças à vossa infatigável vontade, que nessa luta se robustecerá. Mas não esqueçais que a análise do vosso sêr não admite fraqueza nem indulgência, exige uma inflexibilidade absoluta. Dissecai, pois, o vosso *eu* numa série de raciocínios reflectidos e conseguireis uma cura radical que pode elevar-vos muitos graus na espiritualidade.»

AMÉLIA CARDIA

Tendo conhecimento de ter havido irregularidades na distribuição desta revista, quer em Portugal, quer no estrangeiro, proveniente de causas estranhas a esta Administração, pedimos a todos os nossos prezados Assinantes façam as devidas reclamações, a-fim-de lhe serem enviados os números extraviados.

OS ADMINISTRADORES

julho/Ag/1928

O QUE DÁ A MEDITAÇÃO

Olha para dentro de ti, e, depois, estuda no coração alheio o teu próprio coração. Quando te analizas intimamente tens sempre uma tendência para diminuir a falta, e o erro parece-te insignificante; porém, se observas os outros, pões logo óculos de aumentar e carregas as côres da sua pintura em todos os tons sombrios.

Assim, se pretendes dentro das tuas limitações, aproximar-te da justiça, julga no coração alheio os teus defeitos e os erros dos outros, como se pertencessem ao teu próprio coração. Se fizeres êsse trabalho, com a possível imparcialidade, terás conseguido ser justo, no limite das tuas débeis forças.

A caridade não consiste em dar e proteger, porque se pode dar e proteger sem caridade alguma. Aquele, que exhibe a caridade que pratica, está muito longe de saber ser caridoso. O que dá sem atender ao modo como dá, e protege sem reparar como, fere muita vez profundamente aqueles que desejaria socorrer.

E' necessário levar o próprio coração a perguntar:

— Como queria eu que usassem comigo?

Então saberemos fàcilmente como usar com os outros.

Sim, aprendamos a estudar no coração alheio o nosso coração e no nosso coração o coração alheio. Então a severidade desaparecerá, a tolerância e bondade prevalecerão através de tudo, e a discórdia abandonará de vez a nossa consciência deixando nela a certeza inabalável que dá a possibilidade de auxiliar os outros, transmitindo-lhes a nossa fé, não pelo simples desejo, mas pela fôrça duma arreigada convicção.

Adquire, pela análise directa do coração, a certeza dos factos de modo que, apresentando-te as causas àcerca de qualquer assunto, (tendo aprendido a nunca desprezar as circunstâncias mínimas), saibas prever sem a menor falha quais os resultados. Sem conhecer bem a vida externa, não se podem pronunciar as palavras que despertam as consciências ignorantes, e, para as poder pronunciar é preciso muito e nada:—ausência de egoísmo.

Olha para dentro de ti, e, onde encontrares o escalracho, que se chama desejo de posse, arranca-o sem dó, por dolorosa que seja a operação, mas não procures arrancar com êle o amor das criaturas e das cousas. Não esterilizes o sentimento porque, se o fizeres, todo o teu trabalho será inutil.

O tronco sêco não poderá reverdecer.

Identifica-te com tudo, e tudo compreenderás.

As mesmas palavras, lidas por vários olhos, teem diversos sentidos, e onde uns nada vêem, os outros encontram profunda sciência e grande Sabeboria.

Por isso, se procuras realmente o caminho, podes estar certo de que êle está *unicamente* em ti.

Podes adquirir todos os livros do mundo, ouvir as conferências dos maiores sábios, tentar profundar todas as sciências da Terra, se não tiveres purificado a consciência todo o teu trabalho será inútil.

Só a purificação da consciência pode dar aos sentidos a subtileza que lhes permite alcançar para além dos limites que lhes estão marcados, só ela, aproximando os sêres humanos da consciência divina, pode torná-los super-

-homens em tôda a extensão da palavra, isentando-os dos exageros mundanos e, dando-lhes, numa nítida compreensão dos dever esespirituais, a fôrça precisa para tudo suportar com resignação, lembrados de que a aceitação da cruz é, aos olhos do Divino Mestre, o primeiro passo para bem empreender o caminho que nos leva à Certeza que não admite dúvidas.

Não penses em ti, mas sim nos outros. A alma não pode ter limitações aceitar entraves, nem ambicionar recompensas. Observa o coração.

Escuta a Voz que te não lisongeia. Só ela é juiz. Seguindo-a, não servirás o desejo, obedecendo-lhe curvar-te hás sob o pêso da cruz, e, podendo com quanto não podias, obterás a identificação que te dará a mais perfeita e absoluta conformidade que à constante dúvida, que nos outros vês surgir, responde com a mais verdadeira e cabal certeza que nada indaga já e tudo ousa afirmar.

MARIA O'NEILL

A Conceção da Morte

Os mortos são os vivos do céu!

LÉON DENIS

Oh! se assim é, deixai que eu morra uma e muitas vezes!

SÓCRATES

A concepção materialista da morte não satisfaz os estudiosos, ávidos de prescrutar a sciência, cujas múltiplas facetas teem sido estudadas com mais ou menos êxito. Para estes, é impossível que a morte seja o aniquilamento, o fim de tudo o que se amou, de quanto foi criado para servir de instrumento ao homem, na vida terrena.

Para além da campa, um novo mundo alarga os horizontes de maravilha, nos quais a magnificência de Deus resplandece em irradiações inatingíveis. O poder do Criador em tudo se afirma exuberantemente, quer no rolar dum astro, ou no desabrochar de uma rosa. Basta contemplar a magestade do Infinito onde, à noite, brilham miríades de mundos, sujeitos às mesmas leis imutáveis. A vida está em tôda a parte. No infinitamente grande e no infinitamente pequeno. Desde o mineral à planta, desde o infusório ao homem, a vida se revela de mil formas diferentes, tendendo sempre para a síntese, para o mais perfeito, para o foco gerador de tôda a vida.

Tudo evolui, tudo progride, tudo acompanha o Universo, na sua marcha ascensional. O homem, ínfimo sêr circunscrito à crosta planetária, é um verdadeiro microcosmo, a mais bela obra de Deus. A morte não é mais que um meio. A immortalidade é que é o fim. Aquela é o traço de união entre a Terra e o céu, entre o visível e o invisível. Esta é o triunfo do espírito, é a compensação de um trabalho portentoso através de vidas sucessivas, de renascimentos, tendentes à perquisição da verdade sem mancha, inofuscável.

A morte é a mensageira da vida. Sem ela, não poderíamos aspirar à

libertação das almas. O espírito, abandonando o envólucro que lhe serviu de roupagem no planeta, prepara-se para novas vidas, em circunstâncias cada vez mais próprias, mais atinentes ao fim colimado, como obreiro pertinaz que não descança, que trabalha sempre a-fim-de merecer o salário. O seu estado fluídico, imponderável, fornece-lhe os meios de transpôr as maiores distâncias, de se comunicar pelo pensamento com os habitantes do Astral e de se penetrar intimamente com as vibrações mesmas. Dêste modo, pode voltar àqueles que abandonou em mísero pranto, ignorantes da missão dos seres na espiritualidade.

Eis, porque devemos embelezar a morte, revesti-la de galas, visto como, por seu intermédio, galgaremos às esferas de luz, aos espaços superiores, dando entrada na vida eterna, onde depararemos, mais ou menos nítido, consoante o nosso grau de evolução moral, o ciclo das últimas distâncias, como através a lente de um caleidoscópio.

E' necessário, porém, collocarmo-nos em condições de poder enfrentar a morte sem temores, sem receios, de espírito calmo, pois aqueles que não souberem aguardá-la terão de lutar seriamente antes da libertação final.

A morte não é uma conclusão definitiva ⁽¹⁾. E', no caminho a percorrer, uma escala de regresso à unidade. Debaixo do ponto de vista material é um fenómeno vulgar, uma transformação pura e simples, verificado pela química, porque, de resto, « *rien ne se perd, rien ne se crée* ». A morte corporal é uma ressurreição do espírito individual que regressa por um certo tempo à sua morada etérea, do mesmo modo que o nascimento físico é uma morte do espírito, que deixa o céu para se involuír na matéria ⁽²⁾.

Assim como nascemos, conservando vagamente a lembrança de estados muito longínquos do espírito, assim ficaremos, durante um período variável, após a morte, com relação à nossa vida presente. Só muito depois alguns começam a distinguir nebulosamente as formas que os rodeiam, e com alegria verificam a presença dos entes que lhes foram caros, que lhes embalaram os primeiros passos e os guiaram na mocidade inexperiente. Nessa altura, assistem ao desfile de uma inumerável multidão de seres que lhes serviram de lenitivo, animando-os e iniciando-os nos mistérios da vida fluídica.

Os túmulos nada significam. Os túmulos encerram pó. As almas, essas, buscam, na sua ascense, formas puras. São crisálidas que se transformam em lindas borboletas.

« A morte é uma grande reveladora. Nas horas de provação, quando as sombras nos rodeiam, preguntamos algumas vezes: Porque nasci eu? Porque não fiquei mergulhado lá na profunda escuridão da noite, onde não se sente, onde não se sofre, onde se dorme o eterno sono? E, nessas horas de dúvida, de aflição e de angústia, uma voz vinha até nós e nos dizia: Sofre para te engrandeceres, para te depurares. Fica sabendo que o teu destino é grande. Esta terra fria não é o teu sepulcro. Pertences aos séculos futuros, como aos passados, e na hora actual preparas a tua elevação. A voz que assim nos fala é a voz dos mortos, é a voz das almas amadas que nos precederam na mansão da verdadeira vida. Comunicam-se conosco e dizem: Basta de dúvidas estéreis; trabalhai e amai. Um dia, preenchida a vossa tarefa, a morte nos reunirá ». (*Léon Denis* — Depois da Morte).

Aqueles que chorais, que lamentais em altos gritos, estão junto de vós, falando-vos e sorrindo-vos, acompanhando as vossas alegrias e as vossas dores, intuindo-vos, muitas vezes, bons pensamentos, sem que ao de leve o

(1) — *Vida Perfeita*, (Comentários aos versos de ouro dos pitagóricos) — Dr. Paul Carton, pág. 205. Trad. portug. de Fernando de Sá.

(2) — Obr. cit., pág. 206.

descortineis. Os vossos *mortos* não estão no cemitério, onde impròpriamente os procurais. Eles estão vivos e bem vivos, mais vivos do que vós.

O corpo baixou à terra, mas o espírito evoluiu-se, no regresso à pátria donde viera.

Esta ideia da morte é tudo quanto há de mais belo, de mais lógico, de mais profundamente consolador. Fazer da morte a *porta do nada* é o maior dos absurdos imagináveis. A acreditar nesta afirmação, como explicaríamos racionalmente as resoluções insólitas, os pensamentos inopinados, os sentimentos, enfim?

A morte já não é o Grande Mistério de antanho. E' uma transição natural, é o veículo que nos conduz à verdadeira vida. E' o limite de cada jornada na digressão intérmina pela amplidão dos astros e dos mundos.

Recordar e caminhar — nisto se encerra tóda a vida do homem. Depois do nascimento, mergulhados em penumbra, recordamos e conservamos em instinto ideias a que chamamos inatas. *Natura non facit saltus*, disse Aristóteles. A morte é, pois, a natural continuação do nascimento.

A morte é o repouso momentâneo do caminhante afadigado. Ninguém poderá escapar ao seu influxo, porque é necessário que a vida se vá constantemente renovando, de modo a fornecer ao espírito novos campos de actividade, novas arenas de luta. Se não existisse a morte era impossível a vida. Os sêres ir-se-iam aglomerando, aglomerando a ponto de não caberem no pequeno planeta que habitamos ⁽¹⁾. A morte é um motivo palpável da evolução universal. Desde a célula mais rudimentar até ao homem, divina scintilha que representa um progresso grandioso, a morte aparece sempre, para iniciar um renovamento, uma manifestação de vida nova.

A eternidade do espírito é uma verdade experimentalmente reconhecida. Assim, não devemos julgar a desincarnação de um ente querido como perda irreparável, visto que, se nos fôsse concedida a clarividência, veríamos os que partiram tão claramente, como a matéria que nos cerca.

Não se deve, portanto, temer a morte, nem rodeá-la de inverosímeis scenários, que apenas servem para levar a humanidade ao êrro e à superstição.

Os mortos vivem! Os mortos seguem o progresso da sciência, assistem do seio do Infinito às invenções do génio humano, acompanhando o movimento cósmico universal, até ao momento da reencarnação; do próprio espaço cooperam no nosso desenvolvimento, imprimindo novas directrizes às artes e às indústrias, na mais estreita união com os incarnados.

A vida e a morte tem a sua imagem na vigília e no sono. Ora, se êste é motivado pelo esgotamento das fôrças vitais, cessa, logo que o potencial das reservas vitais nativas atinge o limite desejado.

Da mesma sorte, o repouso que separa as duas vidas tem por fim restaurar fôrças vitais que servirão ao espírito em nova reencarnação.

O desprendimento é tanto mais rápido quanto maior fôr o grau de espiritualidade do homem. Aqueles que se familiarizam com o sofrimento; que buscaram na prática de virtudes nobilitantes um meio de se elevarem na escala da perfectibilidade, sofrerão menos, porque já estão como que

(1) — «E' preciso que tudo se destrua para renascer e se regenerar, pois o que vós chamais destruição, não é mais que uma transformação visando a renovação, é o melhoramento dos sêres vivos.

As criaturas de Deus são os instrumentos de que se serve para a realização dos seus fins. Para se alimentarem, os sêres vivos destroem-se uns aos outros, e isso com o duplo fim de manter o equilíbrio na reprodução, que poderia tornar-se excessiva e de utilizar os restos do envoltório exterior. Mas é sempre êsse envoltório unicamente o destruído, êle que é apenas um acessório e não a parte essencial do sêr pensante; a parte essencial é o princípio inteligente, indestrutível, e que se elabora nas diferentes metamorfoses por que passa». (Allan Kardec, — O Livro dos Espíritos).

preparados para o desenlace. O contrário sucede aos insensatos que procuram, na existência, só os gozos materiais que envenenam o corpo e obscurecem o espírito.

Transpostos os umbrais do além, os primeiros depressa compreendem tudo. As sombras vão-se adelgaçando e a aurora inunda de fulvos arrebóis o seu delicioso despertar. Nesta altura, são para o sêr liberto de grande alcance as irradiações fraternais dos que ficaram. Mas o espírito entra numa fase de relativa inconsciência, da qual procura desembaraçar-se prestes. Não compreende — sobretudo se não teve na vida material a intuição da imortalidade — a razão da sua própria existência. Vai-se integrando a pouco e pouco no sentido psíquico. As percepções e sensações estendem-se a todo o organismo fluídico, ao contrário do que lhe sucedera quando incarnado. Todos os seus conhecimentos se fundem, os passados e os presentes ⁽¹⁾.

Podíamos transcrever aqui narrações verídicas de factos autenticados por nomes célebres de todo o mundo, desde Meyers ao Dr. Gustave Geley, que na sua *Interpretação Sintética do Espiritismo* afirmou ser a incarnação um processo de análise, e a desincarnação um processo de síntese; traduzir os trabalhos do Conde Rochas sobre o fenómeno da *regressão da memória*, e apontar, mesmo, para refôrço do nosso estudo, o testemunho de várias pessoas, etre elas o Dr. Wiltse, cujo depoimento, publicado em 1889 no *Jornal de Medicina e Cirurgia*, de S. Luís, foi tão impressionante que levou a Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres a reconhê-lo. O Dr. Hodgson o considerou de alta importância, depois do estudo pessoal que fez do relator ⁽²⁾.

Preferimos antes aludir a dois casos que o grande e paciente investigador Ernesto Bozzano fez inserir nos «*Annales de Sciences Psychiques*» de Março de 1906:

1.º — *Na vida do Rev. Dwight L. Moody (propagandista evangélico nos Estados Unidos) escrita por seu filho, encontra-se a seguinte narrativa a págs. 485:*

«*Ouviram-no, de repente, murmurar: — «A terra afasta-se, o céu abre-se diante de mim; passei os seus últimos limites. Não me chameis outra vez. Tudo isto é belo. Dir-se-hia uma visão de êxtase. Se isto é a morte, como ela é suave!...» Seu rosto reanimou-se e, com uma expressão de alegre enlêvo: — «Dwight! Irene! Vejo as crianças!» (fazia referência a dois dos seus netos que tinham morrido). Depois, voltando-se para a mulher, disse-lhe: — «Tu foste sempre uma boa companheira para mim». Depois destas palavras, perdeu os sentidos.*

2.º — *O sr. Hudson Tuttle fala dêste modo de outro caso que chegou ao seu conhecimento:*

— *Produziu-se há alguns anos um episódio muito comovente na cidade de Hartford. Quem mo comunicou estava de tal modo convencido da natureza supra normal do que vira, que o facto ficara-lhe bem gravado na memória. Vive ainda num Estado do Oeste. E' um homem prático, positivo, inteiramente inca-*

(1) — «Dá-se então de um modo definitivo e com uma extensão muito maior, o que as experiências de magnetismo tantas vezes teem posto em evidência, isto é: enquanto nestas o espírito exteriorizado do sensitivo, patenteia, de par com uma acuidade anormal de percepções, uma amplitude de conhecimentos que, em geral, não revela possuir em estado de vigília, e que não são mais que as reservas latentes de suas aquisições em precedentes vidas; no estado de desincarnado, despedaçada a túnica obscurecida da matéria, o cunho intermitente de tais manifestações desaparece e o vasto panorama das existências percorridas com as múltiplas experiências em tôda a série elaboradas, se apresenta numa verdadeira síntese, à consciência unificada do espírito». (*Leopoldo Cirne — Doutrina e Prática do Espiritismo*).

(2) — Ver «*A Personalidade Humana*» — F. Myers, trad. de Sousa Couto, na revista «*Estudos Psíquicos*», Lisboa, 1906.

paz de se entregar a fantasias. Na circunstância de que me estou ocupando, velava à cabeceira de um moribundo, tipógrafo de profissão. Havia cêrca de meia hora que o agonisante se extinguia aos poucos. A respiração, cada vez mais opressa, tornara-se muito vagarosa e difícil. Finalmente, chegou o momento em que aquele que estava a velar, julgou-o morto. De repente, reabriu-reconhecendo alguém. Com o rosto iluminado por um transporte de alegria, exclamou: — « Tu, tu minha mãe!... » e caiu morto sôbre o travesseiro. Ninguém podia jãmais persuadir-me, diz o narrador do episódio, que êste homem não tenha visto, na realidade, diante de si, sua mãe ». — Hudson Tuttle. (The Arcana, of Spiritualism, pag. 167)

Querem provas mais concludentes de que a vida não termina no cemitério, antes se desdobra e manifesta em mil actividades, as mais belas, as mais prodigiosas? Os nossos mortos não desapareceram para sempre. Encontrá-los-hemos na vida do Espaço. Eles próprios virão receber-nos em saudação carinhosa, confortando-nos e banhando-nos de luz puríssima!

Como se vê, a morte não é mais o espantinho decantado pelo materialismo ignorante da psicologia transcendental. Aguardemos, pois, serenamente o transporte solene que há-de libertar-nos das lutas e misérias do planeta. Ninguém duvide um só instante da imortalidade da alma e do progresso do espírito.

Morte, oh grande libertadora, tu és benéfica, porque nos deixas entrever um círculo formoso de vida indefinida, porque nos aproximás das mansões de luz, das moradas do Pai Celestial.

Nesta convicção permanecemos, e nesta convicção afirmamos aos contemporâneos, scientes da verdade iniludível: — a concepção materialista da morte é um absurdo, é a negação da inteligência e da justiça divina.

Os mortos são os vivos do céu!

ISIDORO DUARTE SANTOS

Quando te suceder alguma desgraça, informa-te bem e verás que, da tua parte, houve sempre alguma culpa. — S. GREGÓRIO

Procura a satisfação de veres morrer os teus vícios primeiro do que tu. — SÉNECA

Costuma-te a não pensar em nada que não possas confessar francamente se to perguntarem. — MARCO AURÉLIO

Não basta perdoar as ofensas; é preciso também esquecê-las. — M.^{ME} DE STAEL

O único caminho para emendar o mundo mau é criar o mundo bom. — EMERSON

Experiências Metapsíquicas

III

UM FACTO ESPÍRITA

Em Dezembro de 1906, uma mulher do povo veio a minha casa, apresentada por umas pessoas espíritas, entre elas Fernando de Lacerda. Mandavam-me esta mulher para ver se eu a percebia, pois, sendo italiana, só se exprimia na sua língua. Vinha do Rio de Janeiro, mandada, dizia ela, pelo espírito de Vítor Manuel, para falar a sua filha, a rainha D. Maria Pia, mas até àquela hora não tinha conseguido entrar no palácio.

Tentámos uma experiência metapsíquica a ver o que se passava. Era no fim do dia e eis o que sucedeu :

A mulher sentou-se num *fauteuil*, pareceu adormecer e começou o seu pescoço a inchiar, como se de repente tivesse papeira, e, num tom de voz gutural, sobreexcitada, aflita, disse-nos o seguinte, em italiano :

« Carlo ré, fuora Lisbona, fuora Portogallo, vogliono uccidere Carlo ; fuora fuora te ne prego. Povero Carlo ! » (Que Carlos rei fuja de Lisboa, fuja de Portugal, querem-no matar, Carlos que fuja, que fuja, peço-te. Pobre Carlos!).

Tendo-nos repetido sumariamente, por várias vezes, a mesma idéa, voltou a si. Contei-lhe o que ela tinha dito adormecida, mas isso não a admirou, pois que, dizia ela mais uma vez — era o espírito de Vítor Manuel que lhe aparecia de noite a suplicar-lhe que viesse a Portugal ver a rainha D. Maria Pia para a avisar de que lhe matariam o filho se ela não fizesse que êle fugisse de Portugal. Acrescentou que na ocasião da morte do rei Humberto, irmão da rainha, também tinha sido mandada pelo mesmo espírito para avisar o rei Humberto do perigo que corria, e, como era pobre e não queria desobedecer a esta ordem, fez o trajecto a pé de Barcelona até Milão. Porém chegou tarde e a Côrte já não estava nessa cidade.

Ora, a verdade é que, nessa época, em 1906, nada deixava prever que a vida do rei D. Carlos estivesse ameaçada. Por conseguinte, o resultado desta comunicação foi fazer-nos rir com sinceridade, tanto mais que a criatura que *afinal nos dizia uma verdade*, estava longe de se parecer com um profeta. Era feia, mal arranjada e sem instrução alguma; o seu corpo deselegante e o pescoço inchado tornavam-na grotesca e só provocava a hilaridade. Não ligámos, pois, importância alguma aos dizeres desta mulher, pensando que o seu estado de pobreza que na aparência ela demonstrava, fôsse a causa única da « *soi-disant* » mediunidade.

O Dr. Sousa Couto, que se achava presente, e que facilmente acreditava em médiuns, também duvidou, como nós todos, da pobre mulher, tal foi a impressão nula que ela causou.

Esquecemos o incidente, e nunca mais nos lembrámos, nem meu marido, nem meu filho, nem Sousa Couto, da pobre mulher, senão no dia da terrível tragédia do Terreiro do Paço, no dia 1 de Fevereiro de 1908.

Soubemos depois que a criatura tinha sido recebida secretamente pela rainha Maria Pia, uma noite, com a protecção de altos funcionários da polícia : Juiz Veiga e Fernando de Lacerda. A pessoa do palácio que me elucidou a êste respeito descreveu-me minuciosamente o retrato da mulher e o fato com que ia vestida, que era o mesmo com que veio a minha casa.

No palácio, como em todos os palácios, onde nada se faz que se não saiba,

julgaram que esta mulher fôsse uma enviada de Paris, clandestinamente, para um empréstimo particular de dinheiro à rainha D. Maria Pia.

E' difícil tentar explicar êste estranho factô de visão do futuro sem o auxílio do espiritismo! Parece bem êste factô demonstrar que era realmente o espírito do rei Vítor Manuel que desejava a conservação na Terra, não só do filho Humberto como do neto Carlos, e que se serviu dêste *médium*, único meio ao seu alcance para conseguir comunicar com os vivos a ver se evitava que um destino terrível se cumprisse! Nada conseguiu, como se sabe, pois as coisas são o que teem de ser, e não o que nós queremos.

Lisboa.

MADALENA FRONDONI LACOMBE

“O processo contra Nosso Senhor Jesus Cristo e a sua repetição na História”

Com o cabeçalho que epigrafa estas linhas, escreveu Monsenhor Francisco Ozamis Costa C. M. F., no «*Jornal do Brasil*» de 6 de Abril passado — Sexta-feira da Paixão, — um artigo, que, dividido em várias peças, parece um verdadeiro processo, no qual, invocando factos passados no tempo do Cristo, chega à conclusão de que, na actualidade, a Igreja de Roma e os católicos representam o papel do Nazareno, enquanto que o papel dos fariseus é reservado ao Presidente Plutarco Elias Calles e ao «seu grupelho com poderes ditatoriais»! Parece incrível, mas é verdade; Monsenhor Francisco Ozamis Costa chegou a essa piramidal conclusão!...

Antes de entrarmos na apreciação das conclusões de Monsenhor Costa, seja-nos permitido livrar o Presidente do México das talas em que pretende entalá-lo o referido Monsenhor, pondo, em poucas palavras, a questão religiosa do México em seu devido pé.

O Presidente Calles, quando assumiu a presidência do México, encontrou uma Constituição, antiga e já por duas vezes reformada, que sujeitava *as diversas confissões religiosas — e não somente a católica* — a certas regras e condições; e, não sendo como os Presidentes de certos países muito nossos conhecidos, nos quais, embora esteja separado o Estado da Igreja, êles se julgam no direito de — no exercício dos seus cargos — se declararem e manifestarem ostensivamente católicos (muito embora o povo o não seja em sua totalidade, nem mesmo em sua maioria, como afirmam os interessados), o Presidente Calles, como dizíamos, escravo do seu dever, fez cumprir as Leis que encontrou quando tomou posse do seu cargo e que não foram, pois, promulgadas por êle. E é êste o *crime* de que accusam o Presidente do México, o benemérito Presidente Calles!

Assim, sendo — como já tivemos ocasião de provar numa série de artigos publicados em jornais do Rio de Janeiro, artigos êstes que em breve, se Deus o permitir, editaremos em opúsculo — parece que, a haver razão

para acusar alguém, o acusado não deveria ser quem, como cidadão e como Presidente da República, se limita a cumprir o seu dever (e prouvera a Deus que todos assim o cumprissem...), mas antes a própria Lei que lhe ordena que assim proceda.

Mas... ocorre-nos perguntar: porque é que, *atingindo a Lei igualmente a todas as religiões sem especificar qualquer delas* — que, nem a Constituição, nem qualquer Lei mexicana se referem à religião católica — ninguém protesta senão o clero romano?

Simple é a resposta. E' que, sendo o clero romano o único que faz da religião um lucrativo negócio, só êle se sentiu atingido e prejudicado pela Lei! E, para protestar contra tal estado de coisas, *segundo os preceitos de um Cristo muito especial lá dêles*, os padres católicos pegaram em armas, armaram-se e armaram os seus sequazes e começaram a assassinar aqueles que os queriam obrigar a cumprir as Leis do país, com a agravante de serem estrangeiros os primeiros padres que assim procederam! E depois... depois, o culpado de tudo que se tem passado no México, é... o Presidente Calles e «o seu grupelho com poderes ditatoriais»... Nem mais, nem menos.

*

Deixemos, porém, o Presidente Calles continuar na grande obra de saneamento moral do seu país, e vamos conversar um pouco com Monsenhor Ozamis Costa, a ver se o convencemos de que estão erradas as conclusões a que chegou, mostrando-lhe que realmente desempenha, na actualidade, o papel do Cristo, e a quem cabe o dos fariseus. Para facilitar a nossa já fácil tarefa e não alongar muito êste artigo, iremos comentando as sentenciosas palavras do illustre ministro do Vaticano — que não do Cristo — à medida que as formos transcrevendo.

Diz-nos Sua Rev.^{ma}:

«Uma conspiração surda, mas irrefreável, se formava na alma endemoniada do farisaísmo ciumento e hipócrita. *Os prodígios do famoso profeta, que convulsionava Israel com o verbo da reconciliação*, aumentavam e encachoavam no peito dos rancorosos inimigos a paixão do ódio contra Jesus. Tudo era motivo de crítica para êsses *perseguidores da verdade*, e, em vez de se convencerem, nada lhe poupavam para o infamar. Provocavam dêle uma resposta definitiva, e, quando serenamente o Mestre lhes apontava as obras que fazia em nome da sua autoridade Divina, *enraiveciam-se e denunciavam-no perante o povo como blasfemo e endemoniado*. Dois milagres (?) estupendos, capazes, em outras circunstâncias, de vencer a maior obstinação, foram um pretexto para lhe prepararem a última cilada e levá-lo ao pelourinho da infâmia. Esses dois milagres (?) foram o do cego de nascença e a ressurreição (?) de Lázaro.» (1)

Ora nós sempre queríamos que Monsenhor Francisco Ozamis Costa se libertasse por um momento da máscara da hipocrisia, que o Vaticano lhe afivelou ao rosto, e nos dissesse, com a sinceridade de que só é capaz quem se não importa de prejudicar os seus interesses para dizer a Verdade, se ali, naquelas suas palavras, não estão perfeitamente retratados, de um lado os *médiuns* espiritistas, servindo de intermediários para os «prodígios que convulsionam o mundo, e prègando o verbo da reconciliação», e do outro lado, sentindo «aumentar e encachoar no peito o ódio contra o Espiritismo», o illustre arcebispo de Braga, à frente de todos os *monsenhores*, Costas ou não, excomungando ridiculamente os Espiritistas, «persequindo a Verdade,

(1) Os sublinhados e os parêntesis são nossos.

nada poupando para os infamar, em vez de se convencerem, e denunciando-os perante o povo — o povo analfabeto e ignorante — como blasfemos e endemoniados!»!

Mas, Monsenhor continua, e os retratos a que acima aludimos continuam também:

« Uma razão política queria negar todos os direitos da consciência e da inocência! »

Aqui, nestas linhas de Monsenhor Costa, há uma agravante para os fariseus modernos: os antigos só viam « uma razão política »; os actuais, além da razão política, vêem uma outra muito mais importante: *é a razão económica...*

Mais palavras de Monsenhor Costa, que nos recordam o procedimento dos padres do México e o do Bispo de Bordéus, Monsenhor Montauban, que, em 3 de Novembro de 1924, despiu a batina em plena rua, para atacar a polícia a sôcos:

« As paixões, insufladas por Satanaz, governavam a alma dêsses homens, que perderam a mesma compostura que a sua dignidade lhes exigia ».

Como se vê, em nada diferem os modernos fariseus dos fariseus antigos... Isto é, diferem: os modernos são muito mais refinados. Não se limitam a « perder a mesma compostura que a sua dignidade lhe exige », chegam ao extremo de nem respeitar a batina que vestem! Mas, Monsenhor Ozamis Costa finge não dar por isso e continua comparando os fariseus antigos ao Governo do México. E sentencia:

« O primeiro dever de justiça é ouvir a defeza do acusado. O defensor de Jesus era a sua vida pública, pois êle às escâncaras falara, sabiam todos da sua doutrina maravilhosa, da sua vida santíssima, dos seus prodígios sem conta. »

Precisamente como sucedia com Jesus, quem melhor defende os Espiritistas é a sua vida, são os seus actos, é a doutrina que prègam e exemplificam. Nunca ninguém viu um Espiritista *praticar a Caridade a trôco de dinheiro*; êles « dão de graça o que de graça recebem » e diferenciam-se pelo seu procedimento dos adeptos de qualquer seita. (Note-se bem que falamos *dos que são Espiritistas*, e não *dos que se dizem espiritistas*. E' muito conveniente não confundir...)

E' tão pura e tão santa a doutrina que prègam — a verdadeira doutrina do Cristo — que o Bispo de Juíz de Fora, D. Francisco Frederico, falando dela, escreveu:

« *Pelos seus frutos, os conhecereis*, dizia o Cristo dos falsos profetas. — Bem; quais são os frutos do Espiritismo? Uma fé em Deus, viva e ardente, um imenso amor pelo próximo, um sentimento universal de fraternidade. Que encontram de mal em tudo isso? Eu, pelo contrário, só encontro o bem. O Espiritismo, construído sôbre estas bases, não pode arruinar o mundo: êle mantém-se entre Deus e a Caridade. Ora a Caridade está em Deus, e Deus está nela. » (1)

Mas, enquanto o Bispo de Juíz de Fora assim fala, com uma isenção só própria de quem tem dignidade e não respeita preconceitos tolos, Monsenhor Costa fala de maneira inversa, e o Arcebispo de Braga excomungou-nos a todos — depois de nós mesmos nos termos excomungado! — convencido talvez de que, com isso, nos tira o sono ou a vontade de comer...

(1) Pastoral publicada pelo Bispo D. Francisco Frederico, de Juiz de Fora (Minas) e transcrita pela « *Revista de Espiritismo* », em seu n.º 1 de 1928.

« Acusam-no de impatriota — continua Monsenhor — quando confessa abertamente que o *Seu Reino não é dêste mundo* ».

Até nisto, ou antes: nisto, como em tudo, se encontra Jesus em campo oposto ao dos fariseus modernos!

Enquanto o Cristo dizia « Regnum meum non est de hoc mundo » (1), diz o papa, em sua Encíclica de 1926, em que *decretou* a festa dedicada a « Jesus Cristo Rei »:

« De há muito tempo, Cristo, *quando homem, foi feito rei*, pela sua excelência sôbre todas as coisas criadas, pelo domínio que êle exercia sôbre as mentes, sôbre as vontades e sôbre os corações... *uma tríplice potestade, pois, legislativa, judiciária e executiva está compreendida em tal principado; e assim, se uma viesse a faltar, não se teria mais um verdadeiro e próprio principado.* »

E o papa escreveu isso, que aí fica, para chegar... a isto, que se segue:

« Não se recusem, pois, *os chefes das nações a prestar público testemunho de reconhecimento reverente e de obediência ao Império de Cristo, se desejam, com seu próprio poder, o incremento e o progresso da respectiva pátria.* De facto, se *os príncipes e os magistrados legitimamente eleitos* estão persuadidos de que mandam não por direito próprio, *mas por ordem do Rei Divino*, compreende-se facilmente que êles farão um uso santo e sábio de sua autoridade e tomarão o mais vivo interêsse pelo bem comum e pela dignidade de seus súbditos, assim como em fazer leis e **exigir a justa execução das mesmas**. De outra parte, *os súbditos não se subtrairão às suas ordens, quando reconheçam nêles a imagem e a autoridade de Cristo Deus e Homem* ».

E, depois de vários desconchavos *ejusdem furfuris*, sai-se Sua Santidade com esta tirada:

« A celebração desta festa é também um dever para as nações *de venerarem Cristo públicamente e prestar-lhe obediência* (não esqueçam que o papa tem a mania de ser o « representante do Cristo na Terra »); afecta não só os particulares, *como os magistrados, os reis e os governantes (that is the question...)*, os quais, nesta festa, deverão lembrar-se constantemente do juízo final, no qual, Cristo, expulso da sociedade, ou sòmente ignorado e desprezado, castigará acerbamente as injúrias recebidas, pois que a sua **dignidade de Rei** exigirá que a sociedade inteira uniformemente se sujeite aos divinos mandamentos e aos princípios cristãos, *quer no estabelecimento das leis, quer em instruir os povos, especialmente os jòvens, nas doutrinas da Igreja e na santidade dos costumes* » (2).

Ora todas essas barbaridades e blasfêmias que aí ficam, passadas da linguagem metafórica, em que se encontram, para a prosa comum, dizem simplesmente, e em resumo, o seguinte:

« Senhores reis, príncipes e presidentes de repúblicas: aquele Cristo que vós tendes julgado até hoje um Espírito muito superior a vós, é simplesmente uma criatura mesquinha, tão mesquinha como eu e como vós todos, que se preocupa unicamente com o poder material. O rei cá da Terra é êle, e vós não deveis fazer leis que estejam em desacôrdo com as suas ambições de mando e de glória. Não sei se sabeis que o seu embaixador entre os habitantes dêste planeta sou eu, e, portanto, é a mim exclusivamente que deveis obedecer, porque se o não fizerdes, êle tem um inferno, com penas eternas, e eu ligo cá na Terra que vós deveis ir para lá, e... etc. »

(1) Evangelho de João, XVIII, 56.

(2) « *Jornal do Brasil* », de 7 de Março de 1926. Os sublinhados e os parêntesis continuam a ser nossos.

Não se lembrou, porém, Sua Santidade, de que os reis, os príncipes e os presidentes de repúblicas, acham essa história já velha e sedida e, salvo raras exceções de alguns mais atrasados, que felizmente tendem a diminuir de dia para dia, deixam que Sua Santidade vá «ligando» aquilo que entenda, enquanto êles... *não lhe ligam nenhuma...*

O presidente Calles é um; é o primeiro de entre todos. Importando-se pouco das acusações que lhe fazem, vai interpretando os preceitos do Evangelho e as palavras de Jesus muito melhor do que todos os Monsenhores Costas reunidos, e diz, como dizia o grande e infeliz Maximiliano: **«No México mando eu, e o papa no Vaticano!»**

*

Está-se vendo claramente quem são os fariseus modernos. O Cristo, na sua passagem pela Terra, tomou a forma de homem em um curral. Durante todo o tempo em que foi dado aos homens vê-lo, foi o protótipo da humildade, viveu sempre entre os humildes, curou os enfermos, prègou a doutrina divina, mas não recebeu um ceutil de quem quer que fôsse. E', guardada a devida distância, o que fazem hoje os Espiritistas, que, portanto, são os únicos que seguem o seu exemplo. O papa, os cardeais, os bispos, e todos os ministros do Vaticano, vivem, vestidos de sedas, em palácios suntuosos e dizem aos reis que devem prestar-lhes obediência, em vez de lhes dizerem a êles e ao povo: «A César o que é de César, a Deus o que é de Deus».

Que relação poderá, pois, existir entre tôda essa gente e o Cristo?

Não há como negá-lo: hoje, como antigamente, o Cristo de um lado, fazendo o bem, e os fariseus do outro, perseguindo-o! Porque, afinal, os fariseus de hoje, são os Monsenhores, Costas ou não, que acusam de fari-saísmo o Presidente do México!

O artigo de Monsenhor Francisco Ozamis Costa ainda nos sugere muitas mais considerações, mas êste já vai longo e o que aí fica é mais que suficiente para demonstrar que, se o referido Monsenhor tivesse outro ofício, que não o de padre, chegaria forçosamente a outras conclusões bem diferentes daquelas a que o levou o seu misoneísmo por coisas que são bem menos novas que a Sé de Braga...

Rio, Maio de 1928.

SOUSA DO PRADO

Podeis construir o edificio mais belo, o palácio mais grandioso, que sempre no interior se oculta uma fauna rudimentar, que trabalha de noite e vive destruindo. Mas se as fôrças destruidoras e dissociativas, tivessem mais poder do que as fôrças organizadoras e construtivas, nunca do Cãos teria brotado a Vida, nunca da Vida teria brotado o Amor.

L. VILELA

A ALMA HUMANA

(NEO-PSIQUISMO EXPERIMENTAL)

VII

Depois da descoberta da — **exteriorização do duplo humano** — por processos magnéticos, devido ao eminente sábio, Coronel A. Rochas d'Aiglun, nos fins do século passado, lógico corolário das suas notabilíssimas descobertas anteriores quer da *exteriorização da motricidade*, quer da *exteriorização da sensibilidade*, como referimos no artigo precedente, largos e fecundos horizontes se rasgaram nos domínios obscuros da psicologia experimental, marcando um novo período de actividade experimental, para uma brilhante plêiade de hábeis investigadores, nos recônditos, complexos e perturbantes departamentos do metapsiquismo da alma humana.

O Rubicon anímico tinha sido transposto, gloriosamente, pelo coronel-conde d'Aiglun.

A sua memorável descoberta teve repercussão em grande parte do mundo sábio, muito embora não despedaçasse as couraças materialistas dos misonéistas e aprioristas.

A alma humana surgia dos obscuros domínios da abstracção metafísica e escolástica para se alar às regiões luminosas da experiência e da observação, na franca plenitude do seu dinamismo complexo e proteiforme.

Alea jacta est...

*

Obtida a *exteriorização do duplo*, pela hipnose magnética, todos os experimentadores continuavam perseverantemente a magnetizar o *passivo* no propósito de obterem *indirectamente* a dissociação do duplo integral — *aerosoma n.º 1* — e nesta orientação simplista só puderam conseguir resultados insignificantes, depois de porfiadas e improfícuas tentativas, durante anos consecutivos.

Em 1913, Lefranc teve a genial idéa de continuar os *passes magnéticos*, não sôbre o *passivo*, como usualmente praticavam os seus antecessores, mas directamente sôbre o duplo integral ou *aerosoma n.º 1*.

A descoberta da *exteriorização do duplo*, devida ao coronel d'Aiglun, antigo director da Escola Politécnica de Paris, conjugada com o *método de magnetização indirecta* de Lefranc, são, sem contestação, as colunas basilares de todo o moderno edifício de metapsiquismo da alma humana.

Este processo, mais tarde aperfeiçoado por C. Lancelin e por outros experimentadores, marca um novo e fecundo ciclo para a psicologia experimental, tendo sido o ponto de partida para as recentes descobertas da anatomia e fisiologia da alma humana, método ainda susceptível de grandes aperfeiçoamentos, visando, muito em especial, evitar os perigos que, *directa ou indirectamente*, podem afectar os *passivos* nestas delicadas e perigosas experiências, sobretudo quando dirigidas por mãos inábeis e inexperientes.

*

Será desnecessário repetir que as condições do local, meio e ambiente,

compatíveis com tão delicadas experiências, são de rigor e imprescindíveis para o seu bom êxito.

O número de circunstantes deve ser o mais limitado possível, especialmente no período inicial das experiências que pode demorar anos, necessário ao bom treinamento do *passivo*. Atendendo à hipersensibilidade e à grande acuidade de receptividade sugestiva por parte dos *passivos*, os assistentes devem manter uma expectativa não agressiva, despidos de falsos preconceitos sistemáticos de desconfiança, *ainda que orientados numa observação imparcial, silenciosa e reflectida*, mantendo uma atmosfera de serenidade e de harmonia. Devem ser afastados implacavelmente da assistência todos aqueles que ignorem, pelo menos todos os princípios básicos que regem a *Metapsíquica* e as correntes neo-espiritualistas que dominam o pensamento científico contemporâneo, nos seus princípios gerais, seja qual fôr a escola filosófica ou confissão religiosa que perfilhem. A ignorância aliada à mórbida curiosidade do *ignoto* são elementos perturbadores e até *negativos*, para tão delicadas e complexas investigações, cujo bom funcionamento requisa a mais franca e leal cooperação no seu mecanismo e técnica, sem todavia, coartar a libérrima crítica dos assistentes, mas só depois da realização dos trabalhos experimentais.

A fraude, consciente ou inconsciente, de natureza intrínseca ou extrínseca aos *médiuns* e *passivos*, raríssimas vezes se dá, usando o operador os clássicos processos magnéticos, consagrados nos métodos de dissociação da alma humana, objecto do nosso estudo sintético e superficial, que só visa chamar a atenção dos estudiosos e observadores para êste género de trabalhos quasi ignorados no nosso país, para depois, com a autoridade que não possuímos, se pronunciarem sobre o valor dos processos e respectivas conclusões. E' só esta finalidade que preside à redacção desta série de artigos, escritos, por vezes, na vertigem de labores de ordem variada.

Se as condições impostas à assistência teem um certo cunho de rigor, cuja boa observância, é, aliás, justificável e imperiosa, compreende-se facilmente a ordem e método que devem reger a técnica do operador e do passivo, aliada a nobres qualidades morais e animadas dum fim nobre e elevado, despido de todos os interesses, atento o alto significado representativo de todas as experiências anímicas, quer sob o ponto de vista científico e filosófico, quer sob o ponto de vista da determinação da *sobrevivência e finalidade humana*, com reflexão decisiva no fremente aspecto social, orientando-o em novas e inesperadas directrizes, descortinando mais vastos e luminosos caminhos às sciências, filosofias e religiões. A magnitude do problema metapsíquico humano abarca todas as nossas actividades, dominando os nossos destinos, procurando libertar a eterna *psiché* da escravidão da morte, e desalgemando-a dos falsos preconceitos da sciência negativista e das religiões dogmáticas.

Da alta finalidade destas experiências, depende, pois, a delicadeza da técnica e a envergadura moral e intelectual dos agentes e percipientes, implicando tremendas responsabilidades, quer legais, quer, acima de todas, as de ordem consciencial. Não há o mais leve paralelismo com as experiências realizadas nos laboratórios físico-químicos, onde só o cérebro do homem impera e só um escravo existe — a matéria — nas suas infinitas modalidades proteiformes.

Para todas as experiências de dissociação anímica é preferível, na opinião de C. Lancelin, a luz azul n.º 13, tendo menor poder dissolvente sobre a matéria fluídica e eteroide do *duplo*, e, a-pesar-de *actínica*, é prefe-

rivel à luz vermelha clássica, que, sendo *anactínica*, exaspera e irrita os *sensitivos*.

O gabinete destas experiências deve ser silencioso e afastado dos meios ruidosos urbanos, sempre que seja possível.

Os coeficientes térmico, higrométrico, eléctrico e ozónico teem certa importância para o bom êxito destas experiências, sem, todavia, as contrariar formalmente.

Para esta ordem de trabalhos devem ser aplicadas todas as instruções e condições que regem as aplicações do magnetismo para obter hipnoses profundas, e que fazem parte da técnica hipnomagnética clássica, com as quais deve estar familiarizado todo o operador.

O passivo deve ter nesse dia uma alimentação ligeira, de *preferência vegetariana*, e com a digestão completa da sua última refeição ao iniciar esta ordem de trabalhos. Fatos largos e ligeiros em que não entre seda e despidos de todos os adornos especialmente metálicos.

O *passivo*, como já dissemos no artigo anterior, instala-se o mais cómodamente possível numa poltrona ou *maple*, repousando a cabeça sôbre uma almofada apropriada que evite deslocamentos laterais da cabeça, por vezes dolorosos, durante a fase sonambúlica. Ao lado esquerdo do *maple* onde se encontra instalado o *passivo*, colocam-se mais três poltronas, a um metro de distância umas das outras, que designaremos respectivamente, por n.^{os} 1, 2, 3, e 4, onde serão recolhidas as *almas secundárias* ou *aerosomas*.

Obtida a hipnose profunda pelos passes longitudinais e outros processos clássicos de magnetização, ordena-se ao *passivo* que projecte o seu *duplo integral* (*aerosoma n.º 1*) na poltrona n.º 2 onde ocupará a posição correspondente à do corpo físico que se mantém na poltrona n.º 1. Em seguida, continuam-se os passes magnéticos longitudinais directamente sôbre o *passivo*, (poltrona n.º 1), especialmente sôbre a cabeça e tronco, até que o duplo esteja bem condensado, com os traços fisionómicos nítidos, susceptível de ser fotografado, o que se reconhece quer pela *clarividência natural ou hipnótica*, quer pelo tacto, apalpando muito delicadamente o *duplo*, que, nestas circunstâncias, oferecerá uma certa resistência comparável à gaze da mais fina contextura. Este contacto com o duplo integral ou *aerosoma n.º 1* deve ser efectuado com extrema delicadeza, porque vai repercutir-se indirectamente, através do *cordão etérico*, na região correspondente do corpo físico ou *sarcosoma* do passivo, podendo provocar soluções de continuidade hiperfísicas, com pronunciado choque traumático, acompanhado de todas as suas funestas conseqüências para a vida do percipiente.

Pela sugestão verbal pode obter-se, em certos casos de longo treinamento do passivo, a formação completa, imediata, em bloco, do *duplo integral*, e não parcialmente os semifantasmas, como nas experiências do coronel Rochas d'Aiglun com o seu processo de magnetização demorada e persistente.

A regra geral é a formação à esquerda, pois raríssimos *passivos* formam o duplo à sua direita.

Durante esta delicada e interessante operação da dissociação da alma humana por processos magnéticos, o experimentador vai registando as impressões sentidas e relatadas pelo *passivo* que nota a aparição dum nuvem fluídica informe, cuja luminosidade vai aumentando à medida que se afasta dos eflúvios irradiados do corpo físico, condensando-se e individualizando-se proporcionalmente à sucessão e continuidade dos passes magnéticos.

Quando se trata dum *passivo* convenientemente treinado, a operação do desdobramento do duplo pode provocar-se num minuto. Temos obtido, algumas vezes, a projecção do duplo integral dum dos nossos melhores médiuns em menos de três minutos de aplicação de passes magnéticos longitudinais, e, até, ainda que raras vezes, no estado inicial de fascinação.

Sucede, em alguns casos, o *passivo* levantar-se, pretendendo seguir o seu duplo, o que deve ser impedido por mera sugestão verbal.

*

Para a maioria dos experimentadores, o método de escolha para desdobramento do *duplo integral* é o processo clássico do magnetismo, mas muitos outros processos podem determinar o desdobramento e exteriorização automática do *duplo*, (*aerosoma n.º 1*), consciente ou inconscientemente: auto-sugestão, sono natural e fisiológico, o êxtase, ruídos insólitos, dores ou alegrias intensas, concentrações intelectuais profundas, e abstractas para a resolução de problemas complexos, alguns agentes físicos e químicos (anestésicos), a ingestão de várias substâncias vegetais, o período preagónico, etc. O ódio, quando levado aos requintes do paroxismo da luta, provoca, também, o desdobramento da alma humana, explicando-se, assim, cabal e racionalmente, os inúmeros factos, registados nos anais de todas as guerras, em que alguns feridos só sentem muito tardiamente a dor dos seus ferimentos, dor que só aparecerá no momento em que a *alma secundária sensível* se integre no corpo físico, vitalizando o sistema nervoso.

Como dissemos, o período preagónico determina, por vezes, a projecção do *duplo* a distâncias consideráveis. As inúmeras e bem comprovadas aparições de fantasmas de moribundos, registadas profusamente nos anais do Espiritismo, da Metapsíquica e do Hermetismo, numa universalidade que destroi todas as negativas aprioristas, constituindo capítulos altamente interessantes para o estudo do dinamis-



Corpo astral de Lillie Roberts

Materialização obtida no Centro Espirita Allan Kardec, Paris, em 25 de Setembro de 1908, na presença de C. Lancelin, com quem conversou demoradamente

mo anímico e do mecanismo da morte, ou, mais precisamente, da *desincarnação*, filia-se, na maioria dos casos relatados, na categoria dos fenómenos da projecção e exteriorização dos duplos, regidos pela identidade de sintonia emocional e afectiva. Daqui provém o conhecimento supranormal antecipado da desincarnação de pessoas queridas a distâncias que teem ido, por vezes, de hemisfério a hemisfério.

A anestesia geral ou regional, seja qual fôr o processo empregado por agentes químicos ou fisioterápicos, é a natural resultante do deslocamento e exteriorização da *alma secundária sensível* do seu envólucro — o corpo físico. A *alma sensível* no seu significado etimológico e real, é, como veremos no decurso de variadas experiências, a sede de tôda a nossa sensibilidade fisiológica, sendo o sistema nervoso, na sua complexa estrutura e ramificação, apenas o legítimo representante das suas linhas de fôrça, canais celulares por onde circula a *alma secundária sensível*, de natureza fluídica e quintessenciada. Sem a sua acção directa e imediata, todo o nosso organismo ficaria irremediavelmente sepultado numa inacção e insensibilidade pétreas, por mais longas e profundas que fôsem as operações cirúrgicas realizadas. Não seria, talvez, temerária a previsão de que num futuro, não muito distante, será o magnetismo o processo de eleição como agente anestésico, processo familiar de uso corrente, em alguns hospitais do Oriente.

E' esta relativa facilidade de dissociação e projecção da alma humana, no tempo e no espaço, readquirindo na exteriorização tôda a acuidade dos seus sentidos astrais, de que os nossos limitadíssimos e imperfeitos sentidos físicos são pálidos e deformados reflexos, que nos fornece a explicação lógica e racional de tantíssimos fenómenos, reputados miraculosos e sobrenaturais, ridicularizados por alguns sábios oficiais, desconhecidos, no seu complexo mecanismo, pelo maior número.

E' talvez, pelo *desdobramento e dissociação do duplo* que se poderá tentar uma explicação satisfatória para os maravilhosos trabalhos do eminente experimntador, o coronel-conde Rochas d'Aiglun, relativos à pluralidade das existências (reincarnacionismo), obtendo, na hipnose profunda magnética, a *regressão da memória*, fazendo dissociar os refolhos mais íntimos das camadas do perispírito ou *almas secundárias* (Lancelin), fazendo reviver aos sentidos astrais o arquivo do passado, comprimido nos domínios do subconsciente e subliminal, criando o *estado de múltiplas personalidades* no passivo, correspondendo cada uma delas a uma das nossas vidas passadas, através da nossa linha evolutiva na série indefinida das nossas vidas sucessivas.

E' ainda pelo *desdobramento e bilocação do duplo* que se explica, natural e logicamente, o fenómeno vulgaríssimo das *incorporações ou incorporações (dissociação de personalidade, prosopopese)* nas sessões espiritistas, em que a alma do *médium* exteriorizada, parcial ou integralmente é substituída pela alma dum desincarnado ou, mesmo, pelo *duplo* dum incarnado, como temos registado algumas vezes. O *modus operandi* é análogo, tanto para os desincarnados, impròpriamente chamados mortos, vivendo no plano astral, como para os incarnados, vivendo no plano físico planetário, quando em plena exteriorização anímica.

Por êste simples aspecto fenoménico se compreende a íntima correlação entre as categorias dos fenómenos inerentes ao Espiritismo e ao Animismo, de natureza mixta na maioria dos casos, difíceis de seriar, por vezes; — mas sempre interessantes e dignos de estudo pelo seu profundo alcance

científico e filosófico e pela interdependência e paralelismo que presidem ao seu complexo dinamismo, regendo tôda a sua mecânica.

Só a ignorância ou a má fé podem deprimir o Espiritismo à custa do Animismo. De tal forma estão integrados na mesma natureza e causalidade fenomenal, consubstanciados irmãmente na mesma essência anímica, que o Espiritismo é o lógico corolário do Animismo, cujo estudo devia constituir a introdução preparatória ao Espiritismo Integral, bases fundamentais da Metapsíquica contemporânea que deve compreender no seu conjunto, não só tôda a fenomenologia do Animismo, mas também tôda a fenomenologia do Espiritismo Integral, pois só assim poderá constituir uma sciência definida, ganhando em precisão, extensão e profundidade, abarcando todos os limites do seu legítimo raio de acção.

Sem o estudo prévio do Animismo, difficilmente se poderá compreender o fenómeno banal da *incorporação* nas sessões experimentais do Espiritismo, generalizadas e praticadas em todos os países civilizados, já muito difundidas em Portugal, tendo como instrumentos de acção numerosos Centros e Grupos espíritas, disseminados pela metrópole, ilhas e colónias portuguesas, alguns trabalhando com elevação e proficiência, animados duma fé ardente e raciocinada, libertos de preconceitos e de superstições.

Nas *incorporações* o espírito agente, incarnado ou desincarnado, apossa-se do corpo físico dum *médium (passivo)* que fica sendo o instrumento dócil e plástico ao sabor do capricho da alma incorporada. E' como um novo maquinista que tomasse conta do volante e direcção daquela máquina, representada pelo corpo físico inerte do *médium*, a que imprime gestos e atitudes que podem levar à *transfiguração fisionómica*, por vezes, completa, de semelhança fulgurante com o corpo físico correspondente ao que foi ou é na Terra o espírito incorporado, com todos os caracteres somáticos, morais e intellectuais, estabelecendo uma identidade incontestada e flagrante de expressão e de realidade.

Êste fenómeno comum à grande maioria das sessões espíritas é baseado num fenómeno de animismo, proveniente da exteriorização do duplo do *médium* total ou parcial, tendo por complemento um fenómeno espírita quando a incorporação é determinada pela acção directa dum espírito desincarnado, ficando na categoria dos fenómenos anímicos se, porventura, o espírito incorporado fôsse o dum incarnado.

Os fenómenos de incorporação, são, pois, sempre, resultantes da dissociação e exteriorização do duplo do *médium*, desintegrando a sua essência anímica do seu corpo físico para que nele se integre uma alma estranha, venha donde vier, que fica animando e dirigindo todo o seu envólucro físico. Por êste mecanismo se explicam os casos de *obsessão, fascinação e subjugação (dissociação de personalidade, estado segundo)* que constituem grande parte da população dos manicómios, renitentes aos tratamentos clássicos da psiquiatria, mas fãcilmente curáveis pelo Espiritismo, pelo menos, em certos casos.

A patologia das doenças nervosas e mentais, tendo por estilogia a acção manifesta dos desincarnados (mortos) sôbre os incarnados (vivos), por processos nefastos de sugestão e magnetismo, provocando desde a *obsessão simples à subjugação*, será num futuro não longínquo, um dos capítulos mais interessantes da neuropatologia e da psiquiatria, que necessariamente háde recorrer ao estudo do Espiritismo para aí colher elementos indispensáveis para fundamentar nma terapêutica causal de efeitos seguros, por intermédio da catequese dos espíritos obsessores e das correntes flúidicas

inerentes às sessões espiritistas, quando orientadas num elevado sentido moral e com pleno conhecimento do experimentalismo espírita.

Os *médiuns*, essencialmente caracterizados pela sua dissociação anímica e fácil exteriorização do seu *duplo*, são susceptíveis de serem magnetizados, quer por *desincarnados (transe)*, quer por *incarnados (hipnose)*, operando-se, assim, o desdobramento integral; mas também a magnetização pode efectivar-se apenas em localizado campo especial, como sucede na *psicografia mecânica*, limitada ao antebraço e mão, fenómeno raro, tendo tido Portugal um dos melhores *médiuns* escreventes mecânicos mundiais — Fernando de Lacerda, — que por êste processo produziu essa admirável obra de psicografia supranormal — «Do País da Luz» (4 vols) — apreciada e enaltecida no estrangeiro e de que é provável ir ocupar-se, muito em breve, o eminente escritor e filósofo, E. Bozzano. No entanto a maioria dos *médiuns psicógrafos* são geralmente *intuitivos* e algumas vezes *semi-mecânicos*, donde derivam certas lacunas e deficiências nas manifestações subjectivas do Além, sobretudo quando a sua preparação moral, intelectual e de cultura sejam deficientes. E' por êste motivo que todos os autores espíritas recomendam com tôda a solicitude e insistência aos *médiuns* a necessidade imprescindível duma dupla higiene: moral, bela prática dos preceitos cristãos; intelectual, pelo desenvolvimento duma cultura geral, e, em especial, pelo estudo e conhecimento dos princípios básicos do Espiritismo, especialmente na sua relação de conjunto. Se para o grupo dos fenómenos físicos supranormais estes conhecimentos teem uma acção secundária, em compensação, para as manifestações supranormais de ordem subjectiva, teem uma importância capital e decisiva, no valor e transcendência das comunicações medianímicas. Poucos, pouquíssimos são os *médiuns* que tenham o pleno conhecimento das graves responsabilidades da elevada função social que lhes foi confiada, e do cumprimento dos deveres inerentes a tão nobre e delicada missão, como instrumentos da grande renovação filosófica e religiosa que há-de conduzir a Humanidade, liberta de superstições e de dogmas, ao magestoso e fecundo templo da Religião-Sciência, tendo por cúpula a Fraternidade Universal, unindo todos os povos, de polo a polo, de mundo a mundo, numa mesma vibração sintónica de Luz, Paz e Amor, num amplexo de resgate e de redenção.

Continua.

ANTÓNIO J. FREIRE

Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa no Estado do Amazonas

Os nossos dedicados confrades do Brasil teem continuado a afirmar a sua [perfeita e fraternal solidariedade, trabalhando activa e devotadamente no sentido de se estabelecer uma íntima confraternização espírita Luso-Brasileira. A Federação Espírita Portuguesa deve-lhes cativantes provas de carinho pelo auxilio e incitamento que lhe teem prestado, numa nobre exemplificação dos princípios morais do Espiritismo.

Registamos hoje mais uma Comissão Brasileira Pró-Federação Espírita Portuguesa, composta por elementos do mais alto relêvo e prestígio no meio espírita do Amazonas, a quem endereçamos as nossas fraternais saudações, agradecendo o seu valioso auxilio.

Esta ilustre Comissão ficou assim constituída: Presidente — **Clementino Gomes**; Secretário — **João Facundo Vale**; Tesoureiro — **Ricardo Jorge**; Vogais: **Marcolino Rodrigues, Luís Facundo Vale, José Coelho de Almeida, Alberto Rodrigues Bento, Joaquim Augusto Esteves, José Coelho Duarte, António Francisco Nogueira, Elsbão Felgueiras, João Severiano de Sousa, Manuel Mendes Ferreira, Vicente Martins,**

Sôbre o Problema do Mal

I I

Em frases breves, deixámos esboçadas, no artigo anterior, as principais atitudes do pensamento perante o problema do mal.

Longos séculos rolaram no abismo do passado, sem que os homens compreendessem a relatividade complexa ⁽¹⁾ do conhecimento. Foi preciso penetrar profundamente na essência das coisas para se estabelecer a distinção fundamental entre o mundo dos fenómenos e o mundo nomenal — o domínio das aparências e o domínio da realidade. A princípio êsses dois mundos identificam-se no pensamento e o conceito dogmatista da Verdade domina. Só mais tarde o êrro se revela e a dúvida surgiu. Então tornou-se necessário definir a verdade. A dúvida rasgou horizontes novos ao espírito humano ⁽²⁾.

O conceito de Verdade é fundamental no pensamento. Êle exprime o valor das nossas idéas porque define e resume um critério de certeza. Porisso o que distingue pròpriamente os sistemas de concepções é o respectivo conceito de Verdade que lhes serve de base. Por sua vez o conceito de verdade brota espontâneo e luminoso da solução obtida para o *problema do conhecimento*.

A Natureza é um enigma profundo e complexo que o homem procura decifrar, mas por mais que desvende os seus segredos, não consegue obter uma solução definitiva. O mistério é como a hidra de Lerna — tem muitas cabeças e quando conseguimos decepar alguma, logo outras emergem do cáos com risadas de escárneo.

Tudo flui e nessa fluência se modifica. «Ninguém pode mergulhar as mãos puas vezes nas mesmas águas dum rio» dizia já Heraclito. A vida é movimento, e, à medida que caminhamos, variam os horizontes que abrangemos e modificam-se porisso as nossas concepções. O tempo não respeita as formas e vai envelhecendo-

(1) *O positivismo de Augusto Comte é uma forma de relativismo objectivo. Porêm o conceito relativista de Kant, que nos inspira, faz intervir também uma relatividade subjectiva que torna o problema do conhecimento mais complexo, mas também o define com maior nitidez e correção. O conhecimento, assim, é relativo quanto à forma e quanto à essência.*

(2) *O dogmatismo que atribui ao conhecimento um valor absoluto e portanto invariável é incompatível com a idéa de evolução. Ele que por um lado distingue o sêr e o pensamento, por outro, identifica-os para conceder a êste um valor absoluto. A influência dogmática da educação religiosa tem atrasado de séculos a civilização.*

Reagindo contra o dogmatismo, mas levando a dúvida até às fronteiras do absurdo, o scepticismo ensombrou o mundo e ainda projecta, no pensamento contemporâneo, a sua sombra esguia como um punhal de treva.

Enquanto o relativismo apoiando-se na dúvida provisória do método carteziano corrige incessantemente as nossas concepções, o scepticismo exagerando a importância da dúvida, destruiu o valor do pensamento. E' esta distinção que se torna necessário frisar bem. Para o scepticismo que nega a existência da Verdade a sciência não tem valor e a vida não tem finalidade. As nossas idéas existem apenas como fenómenos de consciência. Formular um julgamento é abrir as portas do êrro. Mas nem pelo facto de existir o êrro existe a verdade. O relativismo admite, pelo contrário, que a verdade existe em toda a parte e o conhecimento é a assimilação parcial e progressiva da realidade, cuja representação se torna mais nítida e perfeita na consciência, à medida que aumenta o número de experiências realizadas. Assim, o relativismo fortalece o desejo de saber, valoriza a experiência e conduz o pensamento a realizar sempre uma mais alta aspiração, revelando a finalidade da vida.

O relativismo conduz naturalmente ao probabilismo filosófico que Carneades erguen como critério de certeza. A certeza será o ponto de convergência de várias probabilidades.

-as até as destruir, para que os seus elementos, decompostos, rejuvenesçam em novas combinações. Assim as verdades intangíveis foram caducando e o relativismo brotou da sua morte. Só quando o louco Destino deixasse de rolar a esfera do Infinito, havia de parar a torrente dos fenómenos e repoisava o pensamento. Então, a última atitude do espírito seria a solução definitiva de todos os mistérios; a síntese suprema de todas as leis; a realização plena dum sonho numa ilusão invariável, eterna; a verdade última, enfim, possuída para todo o sempre, sem que outro fenómeno ulterior pudesse modificá-la.

Ah! mas assim, enquanto o movimento arrastar os fenómenos na sua vertigem, a verdade está condenada a ter a vida efémera das ilusões. Ela é uma síntese de aparências. Exprime a realidade sob um aspecto restrito e como a realidade é infinita, tem um número infinito de aspectos. A realidade é sem limites e porisso não cabe dentro de forma alguma por mais ampla que ela pareça.

O conhecimento é uma representação confusa da realidade no espelho da consciência. Só no Absoluto o objecto e a imagem coincidem e o conhecimento se identifica com a realidade. O real é apenas o limite para que tende indefinidamente a Verdade ao deslocar-se através do Tempo. O conceito de Verdade não deve perder nunca o seu carácter relativista. A Verdade absoluta, a realidade plena seria a integração da inteligência humana na inteligência divina; a intuição de Deus. Somos insaciáveis de Verdade e contudo ela existe em toda a parte; ela vive sob todas as formas, sem que nenhuma delas a consiga prender. Transfigura-se conforme o tempo e o lugar. Depende especialmente da psicologia dos indivíduos e varia com os seus horizontes intelectuais. E' o fogo que abraza o pensamento humano; para dar luz e calor precisa deixar cinza. Tem fascinações de vertigem e filtros dominadores. Consome a vida e resgata-a. Quem pensa possuí-la e quer conservá-la numa forma rígida, invariável, não soube compreender o seu espírito, nunca desvendou o seu segredo íntimo. O êro é a sua caricatura trágica; ou melhor; — é o cadáver duma Verdade, porque a Verdade é espírito e não é forma. Porisso ela se revela sob formas tão variadas.

E' a verdade estética que se procura? Ela tanto vive nas paisagens luminosas de Deaubigny, como na vida crepuscular dos quadros de Rembrandt; na doce melancolia das naturezas mortas, como nas tempestades violentas de Jacob Ruysdael; nas formas atormentadas de Donatello, como nas figuras ascéticas, sombrias, de Ribera e Zurbaran; nas criações prodigiosas de Rubens, como no lirismo enternecedor de Delacroix; na expressão religiosa das virgens de Murillo, de Memling, de Corregio, ou de Rafael, como num sorriso profano de Gioconda; nas orgias báquicas de Jordaens, como nas visões místicas de Fra Angélico ou de Andrea del Sarto; no delírio da côr ou na magia da luz. Anima as formas a que deu vida o cinzel de Miguel Angelo ou de Rude e os corpos que Rodin contorce para dar relêvo aos sentimentos e às idéas. Implora e reza nas missas de Palestrina e chora e geme e grita na música íntima e profunda de Beethoven ou na inspiração tempestuosa de Wagner. E' sempre o mesmo sôpro de beleza vitalizando a forma; é sempre o espírito humano a vibrar de anseio!

E' a Verdade intelectual? Pois bem. Ela oscilou sempre entre o objectivismo dos físicos Jónios e o idealismo dos Eleatas; entre o atomismo da Escola de Abdear e o panteísmo dos indús.

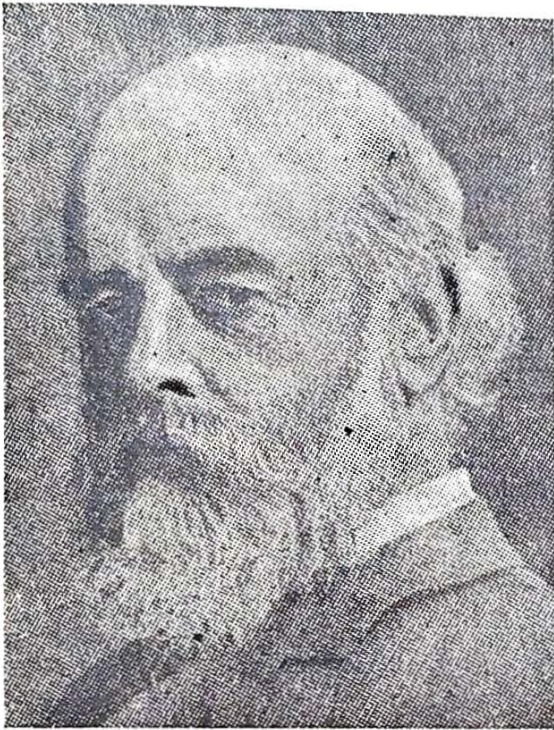
E' a Verdade moral? Ela vive nas lágrimas de Madalena e no remorso de Judas; nos preceitos de Salomão e nas máximas de Epitecto e Marco Aurélio; na resignação de Job e na renúncia de Buda. Ela é o cálix da cicuta em que Sócrates, sorrindo, bebeu a eternidade, ou a esponja amarga em que o Cristo — sedento de Infinito! — molhou os lábios moribundos, lá quando, no sêro do Calvário, ao murmurar, da vida, a derradeira estrofe, quíssorver o último trago da taça do martírio...

(Continua)

ANTÓNIO L. VILELA

INQUÉRITO

II



Sir Oliver Lodge

Publicamos hoje mais um valioso depoimento do inquérito que a «Revista de Espiritismo» fez a várias notabilidades científicas e literárias estrangeiras, sobre o valor do Espiritismo e sua influência no pensamento contemporâneo.

E' o eminente físico Sir Oliver Lodge, digno membro da «Royal Society» de Londres, que vai falar aos nossos leitores. A sua nobre coragem é um exemplo edificante, especialmente nesta época de cobardia moral que atravessamos.

Ainda há pouco tempo, quando foi atacado por alguns colegas da Sociedade Real, publicou no «Nature» uma carta em que afirma mais uma vez as suas convicções. Diz elle: «Se eu tivesse alguma dúvida sobre a comunicação dos mortos, proclamá-la-hia, mas seria insensatez falsear a verdade; isso não farei nunca, quaisquer que sejam as consequências».

As suas belas obras: La Survivance Humaine, Raymond ou La Vie et la Mort, L'Evolution Biologique et Spirituelle de l'homme — ocupam um lugar de especial relêvo entre a variada e rica bibliografia do Espiritismo.

Nunca fiz segredo das minhas convicções. Segundo a minha opinião, não somente a personalidade consciente sobrevive à morte, mas a sua actividade persistente mistura-se com a nossa muito mais do que se imagina. Além disso, pode ser estabelecido um sistema de comunicações que satisfazem as necessidades do coração, acima do que até aqui nos parecia um abismo. Segundo as palavras de Diotimo a Sócrates: «O amor transpõe o abismo.»

A afeição não é o único sentimento que facilita e torna possível a comunicação: o amor da sciência e a unção religiosa auxiliam-na poderosamente. Foi dirigindo esforços neste sentido e depois de experiências pessoais, que se formou a minha convicção, e a de muitos outros, convicção de que a humanidade não tardará a reconhecer o fundamento.

O meu testemunho foi antes baseado sobre provas e mensagens de ordem intellectual do que sentimental. Uma grande quantidade destas provas conserva-se inacessível ao público; mas foi dado um grande número delas quer nos relatórios da «Society for Psycal Research» quer no meu livro a «Sobrevivência do Homem».

Sabemos agora que aqueles que deixaram a vida terrena e abandonaram o seu corpo material conservam sempre o que elles chamam «um corpo» com a sua memória, o seu carácter e a sua personalidade mantidas intactas. Vaga e indefinidamente, os grandes génios religiosos, com S. Paulo à frente, anunciaram que possuímos o que elles chamavam o corpo espiritual.

Se o indivíduo sobrevive à morte, poderá provar a sua existência por métodos semelhantes àqueles de que se servia aqui. Como temos nós consciência da sua existência na Terra? O seu corpo material revela-se-nos pela vista e pelo tacto. Como tivemos conhecimento do seu espírito, do seu carácter, da sua personalidade? Essencialmente pelas nossas palestras com êles e pela escrita.

Se, pois, a personalidade persiste e, por um meio qualquer, se acha capaz de manusear ou utilizar um outro mecanismo ou organismo, é razoável supôr que, por êsse intermédio, poderá estabelecer a sua identidade e provar a continuação da sua existência. Cercam-nos instrumentos adaptados a êste fim, mecanismos completos de nervos e de músculos, que, embora pertencendo a outras individualidades, parecem susceptíveis de ser utilizados. Não sabemos como o espírito actua sôbre a matéria nem por que meios chegamos a produzir os movimentos mais simples, entrando nas categorias mais elementares; mas é fora de dúvida que executamos estes movimentos e tão habituados estamos a êles que já não avaliamos o mistério que encobrem.

Temos estudado com algum resultado as acções recíprocas do éter, da matéria e da energia. Se bem que o éter escape aos nossos órgãos sensoriais e seja preciso inferir a sua existência dos factos observados, êle está verdadeiramente implícito em quasi tôda a actividade familiar, talvez em tôda. Ele reúne os planetas num sistema solar, solda os átomos numa massa coerente. Começa-se a encará-lo como uma entidade substancial de que os electrões, e, por conseqüência os átomos, são compostos, de modo que as coisas familiares que nos cercam são apenas modificações do éter do espaço. E' pois razoável supôr que o éter seja utilizado pela vida e pelo espírito. Entrevê-se agora que, dentro em pouco, o principio da conservação da matéria e da energia deverá atender à vida e ao espírito.

Como quer que seja, creio que o universo é um conjunto muito mais completo e perfeito do que tínhamos imaginado. O que alguns de nós conhecemos pela experiência é que a comunicação é possível em certas condições, pela acção recíproca entre o éter e a matéria ou por qualquer outro modo. E obtivemos a demonstração de que a memória, o amor e a personalidade não são funções da matéria, mas apenas a utilizam para comunicar com aqueles que vivem num meio material.

A humanidade reconhecerá dentro em pouco que as suas idéas sôbre o universo são restritas, parciais. Chegou o momento de alargarmos as nossas concepções e, à luz dessas concepções mais largas, os problemas da vida serão melhor compreendidos e as condições da existência extraordinariamente melhoradas. E', pelo menos, o que dizem aqueles que estão do «outro lado». Eles procuram seguir os nossos progressos com um vivo interêsse e dizem-se sempre prontos a ajudar-nos na medida em que nós estamos dispostos a aceitar o seu auxílio. Os seus poderes são naturalmente limitados e, como nós, não podem fazer mais do que empregar todo o seu esforço.

A evolução é cheia de incitamentos. Significa o desenvolvimento lento dum sêr num nível mais baixo até outro superior. A idéa da evolução implica necessariamente a de tempo, de progresso e, de algum modo, de esforço. Nada é estático na evolução. Ela exprime a idéa do avanço segundo um desígnio, segundo um plano que nem sempre nos aparece nítido na sua execução, tendo, aparentemente, insucessos parciais e temporários.

Pelo que respeita aos nossos vícios naturais e aos nossos defeitos, a modesta origem do homem é cheia de esperanças. Que o homem tivesse escorregado, errado, que tivesse caído na sua marcha, era de prever. Actuando em plena consciência, distinguindo claramente e aprovando o melhor, escolheu por vezes, contudo, o peor, tornando-se assim culpado do pecado consciente, prerrogativa humana que deve entrar de ora em diante no desígnio da existência planetária; — tudo isso é lumentváel, mas era inevitável.

Estamos, todavia, no direito de nos rejubilarmos com os resultados obtidos pelo conjunto da humanidade. Muitas das nossas imperfeições desaparece-arbitrio pode escolher e solicitar auxílios para chegar a um maior desenvolvimento. Porque agora o homem já não ignora que, se pelo lado físico está aparentes mental e espiritualmente; aprendeu que está em contacto com uma ordem superior da Criação e que dela pode obter auxílio e consolação.

Sabemos que o homem não é efêmero, não está isolado no mundo, nem transviado. Sabemos que possui em si o gérmen da imortalidade e que as raízes pelo seu lado espiritual mergulham nas profundidades infinitas. Pela sua dupla natureza, o homem acha-se por um lado em relação com a Terra e por outro com as regiões celestes. Esta revelação bem compreendida permitir-lhe há clevar-se acima da sua condição actual. O que já atingiu não é nada em comparação com as esperanças que esta revelação nos sugere.

Nos momentos privilegiados de elevação, o homem já é consciente de que possui em si possibilidades infinitas e que se acha actualmente nele, pequeno como um grão de mostarda, um gérmen do Reino dos Céus, de harmonia com a história da Terra que nos mostra que há, pelo menos, um milhão de séculos tudo se dirige para Deus.

OLIVER LODGE

CRÓNICA ESTRANGEIRA ✓

A clarividência reconhecida pelo tribunal — Por várias vezes os *médiums* teem sido perseguidos na Alemanha, embora o Ministério Público não tenha conseguido fazer instaurar processos fundamentados na mediumnidade fraudulenta, porque os tribunais não teem querido abrir êsse precedente, que poderia resultar contraproducente, como no caso em questão.

A «*Revue Metapsychique*» conta que acaba de vingar uma dessas tentativas do Ministério Público, no tribunal de Insterburg, na Prússia Oriental.

O caso foi passado com um *médium* clarividente de grande reputação, M.^{me} Else Günther Geffers, que conta agora 59 anos, filha dum inspector dos correios da Prússia Oriental. Esta senhora manifestou, desde os mais verdes anos, singularidades que foram o pronúncio das suas extraordinárias faculdades de clarividência. Não fizera, porém, uso remunerador dêsses dons notáveis, até ao momento em que a desvalorização da moeda alemã a colocou em circunstâncias difíceis. Usava, porém, da maior lealdade para com os consulentes, prevenindo-os de que não podia garantir os resultados da sua intervenção. Pois esta senhora, acusada agora de impostura, foi absolvida em face de inúmeros testemunhos de pessoas da máxima respeitabilidade, e, entre elas, do castelão Migge, que narrou como, pelas indicações do *médium*, conseguira descobrir o cadáver dum seu cocheiro no fundo dum pântano, sem que houvesse os mais leves indícios que permitissem descortinar o modo como êle tinha desaparecido; do castelão Graff, de Orenburgo, que ponde descobrir um assassino pela intervenção do *médium*, etc., etc.

O agente do Ministério Público não se conformou, porém, com a sentença da primeira instância, que absolvía o *médium*, e apelou. Com o fim de pôr termo a questões desta natureza, o govêrno de Koenigsberg promulgou nessa ocasião um decreto em que proibia o emprego dos *médiums* para a descoberta dos criminosos. Isso determinou, da parte do Ministério Público, a decisão de retirar a sua queixa. Porém, o advogado do *médium*, o Dr. Winterberg, de Berlim, fez as seguintes declarações:

«O Ministério Público declarou retirar a queixa e, em conformidade com o § 308 do Código Civil, pediu a aprovação da acusada e da defeza. Depois dum exame ponderado da

situação, tanto de facto como de direito, permito-me não dar o assentimento à retirada da queixa, e isto pelos motivos seguintes: A acusada, em vista das acusações feitas na primeira instância, foi atingida gravemente na sua honra. Apelamos para a equidade do tribunal de segunda instância e pedimos uma prova pela qual sejam demonstradas as faculdades supra-normais da acusada, quer se designem por *telepatia a distância* ou por *clarividência*. Este ensaio de reabilitação pessoal não pode de nenhum modo ser recusado à acusada.»

Esta declaração do advogado da defeza causou uma grande emoção no auditório, que assistiu então, em pleno tribunal, a uma experiência notável de clarividência. Essa experiência consistiu na reconstituição dum roubo em todos os seus detalhes, apenas conhecido por um agente de polícia que se mandou vir de uma aldeia distante. Depois de ter fixado um fósforo mantido a pequena distância dos olhos, o *médium* caiu em transe e deu então a data do roubo, descreveu os objectos roubados, contou como o ladrão se tinha introduzido na casa, descobriu-lhe o nome e identificou o proprietário, informações estas que foram absolutamente confirmadas pelo agente de polícia. O julgamento, proclamado em 12 de Maio de 1928, declara M.^{me} Günther Geffers absolvida, condenando o Estado nas custas.

Este magnífico triunfo da mediumnidade há-de ter por certo uma enorme repercussão na Alemanha, onde crescerá o número, já bastante elevado, de cultores das sciências psíquicas.

Menição dum facto verosimil — O professor Richet publica na « *Revue Metapsychique* » um facto passado na Tcheco-Eslováquia com uma irmã de Mil.^e Maria Frishner, pessoalmente sua conhecida e relacionado com a eleição do actual Presidente da República Alemã, o Marechal Hindenburgo.

Posto que a família Frishner vivesse no campo isolada, não deixava de se interessar pelas notícias sensacionais e, no momento de que se trata, pela eleição presidencial alemã. Como o dia em que esta se realizava era uma segunda feira, dia em que não há jornais na terra habitada pela família Frishner, esta, desejosa de saber o resultado da eleição, mandou uma criada à gare próxima para inquirir notícias sôbre o assunto. Entretanto, a referida irmã de Mil.^e Frishner, sentindo-se muito fatigada, adormeceu. Ao despertar, teve a visão duma pessoa que lhe falava em alemão (língua ignorada pelos criados da casa) e lhe disse que tinha sido eleito o Marechal Hindenburgo. Esta notícia foi confirmada mais tarde pelas que a criada obtivera na gare.

E' preciso dizer-se que esta senhora tivera, durante mais de 20 anos, inúmeras visões telescópicas. Embora o facto descrito fôsse perfeitamente verosimil e talvez mesmo provável, torna-se necessário meditar as palavras do professor Richet: « *Agora que a realidade dos sonhos verídicos sôbre assuntos inverosímeis está sôlidamente estabelecida com grande número de axemplos, tem-se o direito de abrir o lugar para os sonhos verídicos sôbre factos verosímeis que se poderiam prever sem grande esforço de sagacidade. Sou levado a crer que se trata aqui duma visão criptestésica, embora reconheça que é absolutamente impossivel prová-lo de qualquer modo* ».

Há fatalidade nas coisas? — A « *Revue Metapsychique* », num artigo também subscrito pelo Professor Richet, narra um facto curioso acontecido com um actor que era particularmente sensível à influência, fatal para êle, da presença de visco. Devendo representar no Teatro de Bordéus o *Conde de Luxemburgo*, encontrou no camarim que lhe era destinado uma bola de visco, que, aflito, pediu aos seus camaradas para retirarem, antes d'êle entrar, pois que várias vezes o visco tinha sido na sua vida, pronúncio de grandes desgraças.

Um outro actor, por brincadeira, pôs-lhe um ramo de visco na mesa da caracterização, o que fez encolerizar em extremo o protagonista dêste caso. Pela última vez a influência fatal do visco se reflectiu na sua vida. Dois dias depois começou a sangrar das gengivas e sem causa aparente, morreu no dia seguinte, apresentando grandes equimoses por todo o corpo, que nada explicava.

Efeito de auto-sugestão? Que o digam os sábios.

Anunciação de dois nascimentos feita pelos próprios espiritos — A « *Revue Spirite* » publica um caso interessantíssimo de duas reencarnações, estudado no *Grupo ALLAN KARDEC*, de Lyon, desde 1922 a 1927.

Numa sessão experimental realizada em Outubro de 1922, compareceram o Sr. Luis Gleizal e sua espôsa, tendo sido anunciado a ambos por um *médium* clarividente, que uma menina e um rapazinho se preparavam para incarnar em filhos seus. A menina apareceu em todas as sessões realizadas desde o primeiro aviso, acompanhando-a muitas vezes o rapazinho, que muito a acarinhava, até que anunciou a sua partida definitiva para o mundo em Novembro de 1924, revelando, neste longo espaço de tempo, a sua independência espiritual e provando indiscutivelmente a sua existência individual no além. As manifestações cessaram por completo em Junho de 1925, tornando-se, à medida que a gestação avançava, cada vez mais difíceis. A pequena nasceu em Julho.

Posteriormente, as manifestações do rapazinho que a acompanhava na vida astral fo-

ram-se realizando com mais frequência, sendo curioso observar que a criancinha recém-nascida, quando a elas assistia, exprimia no brilho dos olhos e no encanto do sorriso, a alegria que elas lhe provocavam. Estas manifestações cessaram também por sua vez em 1927, ano em que o rapazinho nasceu na mesma família.

A evolução destes dois seres na vida astral foi observada pelos membros do Grupo, que certificam as afirmações produzidas, altamente probativas da continuidade das nossas existências. Princípio fundamental do Espiritismo, a lei da reencarnação aliada à lei de causa e efeito, é a pedra de toque por onde podemos aferir a justiça de todas as situações de existência, aparentemente iníquas. Bem-vindos sejam, pois, todos os casos que demonstrem experimentalmente a pluralidade das existências.

Um caso singular de reencarnação — A revista «*O Pensamento*» narra um caso de duas existências dum mesmo espírito, realizadas na mesma família e a curta distância uma da outra, com reminiscências vivíssimas da primeira vida. Foram dois irmãos animados pelo mesmo espírito. O primeiro, Francisco Vilar, nasceu em Jahú, no Brasil, em 25 de Março de 1918 e morreu em 13 de Janeiro de 1925; e o segundo, Raúl Vilar, nasceu a 21 de Dezembro de 1925, ainda vive.

Desde as suas primeiras palavras, que Raúl afirma que morreu; e não há muito, falando os pais sobre os seus filhos falecidos, êle declarou perentoriamente que era Francisco, descrevendo os acontecimentos culminantes por que passara em Francisco e como voltara em Raúl. Chegou a descrever a casa em que anteriormente vivera na existência de Francisco e a reconhecer um copo que tinha sido oferecido a Francisco e que o pai se dispunha a utilizar. Ele, porém, replicou: «*Papá, tu deste este copo a Francisco mas agora sou eu que sou Francisco e portanto o copo é meu: mas empresto-to*».

Se bem que o esquecimento das vidas anteriores seja a regra, êste caso notável vem corroborar a afirmação de que, quando a reencarnação se faz pouco depois da morte anterior, como nos casos das duas Alexandrinas, de Spuglas Cabrera, de Nelly Horster, de Gennaro del Valle, etc., as reminiscências que transitam para a nova personalidade incarnada abundam e são uma prova incontestável da reencarnação.

Um sonho premonitório — «*The British Journal of Psychological Research*» narra, pela pena de Miss Margarida W. Crookes, que o autentica, um sonho premonitório muito curioso acontecido com uma sua amiga. Essa senhora sonhou que tinha ido à capoeira para dar de comer às galinhas e tinha visto nos ninheiros dois ovos, um maior, outro mais pequeno, com uma nitidez surpreendente. Contra tudo o que podia supôr-se, pois que não é costume as galinhas pôrem no inverno, na região em que a amiga de Miss Crookes habita, ela foi encontrar no dia seguinte os ovos nos ninheiros, do mesmo tamanho e na mesma posição em que os tinha visto em sonho, e, no mesmo instante de os apanhar, reconheceu-se exactamente na mesma atitude em que se vira no sonho, que tinha sido contado casualmente a várias pessoas antes do facto se produzir, e que portanto confirmam a sua realidade.

Nem a senhora com quem isto se passou, nem a sua família, têm o mais leve conhecimento de fenómenos psíquicos, o que torna mais valioso êste depoimento, que constitui uma prova de que a clarividência no futuro é um facto.

A vez de Confúcio — O mesmo jornal descreve algumas sessões de voz directa realizadas em Nova York com o grande médium Valiantine, em que se manifestou o grande filósofo chinês Confúcio, falando a sua própria língua e dando provas da sua identidade, após progressivas tentativas de comunicação de vários espíritos nas suas próprias línguas. Entre os que se manifestaram, um falou em língua portuguesa, que foi compreendida por um dos assistentes que apenas possuía o conhecimento do espanhol.

As provas fornecidas por estes espíritos foram tão evidentes que deram aos assistentes a convicção de que realmente estavam em comunicação com o mundo dos espíritos. Quando pela primeira vez se manifestou Confúcio, ouviu-se o som duma flauta chinesa inabilmente tocada e o nome dêste filósofo pronunciado em voz baixa mas muito distintamente. E' difficilimo para estrangeiros, segundo afirma o Dr. Whyman que conhece bem a língua chinesa e assistiu a estas espantosas manifestações, a pronúncia da última sílaba dêste nome. Porém, a correcção da pronúncia da voz manifestada era perfeita. A lingua falada era o Mandarim, lingua official da China, onde há inúmeros dialectos.

O Dr. Whyman insistiu com o espírito para dizer o seu nome e por três vezes ouviu: «*Confúcio*». Não acreditando, porém, que fôsse o espírito dêsse profundo filósofo, disse-lhe: «*Então, se és Confúcio, dize-me o teu verdadeiro nome*». O espírito então explicou que o seu nome era uma palavra latinizada e composta de *K'ung* — seu nome de família — e *Fu-tze*, palavra composta de duas, que significam *mestre* e *filósofo*. O nome de Confúcio era aquele por que era conhecido desde os 14 anos.

A conversação versou sobre os clássicos chineses e Confúcio explicou uma passagem errada duma das suas obras, citando importantes fragmentos delas. Ao terminar, disse: «*Vou-me embora, mas voltarei. Desejariéis ouvir a melodia da eternidade? Apurai*

os ouvidos». E retirou-se, deixando os assistentes estupefactos e inexplicavelmente extáticos.

E' necessário frizar que o *médium* Valiantine é um homem de fraca cultura que sabe apenas inglês, o que valoriza muitissimo estas manifestações que, por essa razão, não podem considerar-se fraudulentas.

Estas sessões fazem-nos recordar o sensacional artigo de E. Bozzano (1) sôbre os fenómenos de Voz Directa na Itália, produzidos no Castelo Milléssimo, do Marquês Centurione de Scotto, de Génova, em que se descrevem os mais belos e emocionantes fenómenos ali produzidos entre pessoas que inesperadamente obtiveram a voz directa. Alguns dos mais ilustres espiritas que se teem especializado na obtenção de vozes directas, como Dennys Bradley, Leonard, etc., afirmam que quási tôda a gente pode chegar a obter manifestações dessa natureza, desde que os experimentadores, munidos das respectivas trombetas de alumínio, se coloquem durante uma a duas horas, com regularidade, em completa escuridão, mantendo uma conversa amena mas levantada e conservando o ar agitado por vibrações sonoras de melodias suaves, produzidas por qualquer instrumento ou mesmo por um gramofone. O mesmo resultado se obtém se os assistentes entoarem cânticos durante a experiência.

Oxalá que estas manifestações se obtenham cada vez em maior número, para que, gravadas as vozes directas em discos fonográficos, possam vir a constituir uma das mais belas e convincentes provas da sobrevivência.

Uma aparição protectora — Refere o «*Mondo Occulto*» que, tendo sido despedida, por economia, dum escritório de Budapeste, uma dactilógrafa que andava lendo a vida de Santa Teresa de Lisieux, não se preocupou com o caso e resolveu fazer uma novena à santa. No último dia o chefe do escritório viu abrir-se a porta e entrar uma monja, que lhe pediu para não despedir a empregada. Ele abriu a boca para recusar, mas, com grande surpresa sua, consentiu em a readmitir. Irritado contra si mesmo, mandou chamar a empregada, a quem fez uma grande admoestação, perguntando-lhe onde ela tinha ido descobrir a sua freira.

A rapariga respondeu que não conhecia freira alguma. Muito instada com objurgatórias, principiou a chorar e tirou da algibeira um livrinho com uma imagem de Santa Teresa de Lisieux, que mostrou ao chefe, dizendo-lhe: «Freira só conheço esta». O superior aproximou-se, examinando a imagem, e exclamou muito irritado: «E' esta mesma».

A Igreja Católica Romana não repugna certamente aceitar êste belo fenómeno supranormal, classificando-o de milagre, visto ter sido determinada pelo espirito luminoso de Teresa de Lisieux. Se, porém, a aparição fôsse de qualquer outro espirito protector que não tivesse a sua consagração, não faltariam exorcismos e anátemas contra a *malignidade* do sêr que se manifestava.

Um caso estranho no cemitério de Semlino — Conta o «*Vetro e Luce*» que, numa aldeia perto de Praga, uma família remediada tinha quatro filhos: uma rapariga e três rapazes. Um dia, o filho mais velho, de nove anos, brincando com a espingarda do pai, disparou involuntariamente e matou o irmão mais novo. O assassino não compreendeu logo o alcance do seu acto, mas, crescendo, começou a desgostar-se, sentindo remorsos pelo seu delicto, porque os outros rapazes da terra o repeliam, dizendo: «Vai-te, que mataste o teu irmão».

Apoderando-se dêle uma profunda tristeza, foi definhando e morreu já homem. Após êle, morreram os dois outros irmãos, deixando inconsoláveis os pais, que mandaram erigir um túmulo no cemitério de Semlino, colocando nêle os retratos dos três irmãos mais velhos, porque o mais novo não tinha chegado a ser fotografado.

O caso que impressionou a aldeia foi o seguinte: O guarda do cemitério viu no peito do retrato do assassino desenhada uma cabeça e foi comunicá-lo aos pais dos rapazes e à autoridade. Comparecendo aqueles, verificou-se que, efectivamente, estava desenhada a cabeça do assassinado no peito do irmão. Os pais fizeram substituir a fotografia, encerrando-a numa caixa metálica, mas poucos dias depois a mesma cabeça reaparecia, mais nítida, com uma ferida na testa onde parecia escorrer sangue. Uma terceira vez se fez a substituição e o facto tornou a repetir-se.

Seria a permanência no Além da impressão dolorosa originária da morte do infeliz assassino, que motivou essa produção estranha? Os fenómenos supranormais apresentam tão complexas e variadas modalidades que, por enquanto, as causas exactas permanecem ignoradas.

Pedro Cardia

(1) Este artigo está sendo publicado na íntegra no «*Mensageiro Espirita*», jornal bimestral de distribuição gratuita aos sócios da Federação Espirita Portuguesa.

Congresso Espírita Internacional de Londres

(De 7 a 13 de Setembro de 1928)

PROGRAMA

Sexta-feira e sábado 7 e 8 de Setembro

Estes dias serão exclusivamente consagrados às Comissões Executiva e Geral da Federação Espírita Internacional e aos negócios que lhe dizem respeito. Só os delegados oficiais das Sociedades filiadas serão admitidos a esta reunião.

Sábado 8 de Setembro (à noite)

Recepção dos Delegados e membros do Congresso. Discursos de saudação, reunião artística e musical.

Domingo 9 de Setembro

A's 11 horas da manhã — Reservado aos trabalhos da Comissão que porventura se não tenham terminado no sábado anterior.

A's 3 horas da tarde — Demonstração do trabalho das crianças do Lyceum Society, na Sala Battersea Town.

A's 7 horas da noite — Queen's Hall — Reunião por convite, em que os membros do Congresso serão hóspedes de Sir A. Conan Doyle.

Segunda-feira 10 de Setembro

A's 10 horas da manhã — Reunião das secções para um apanhado geral dos trabalhos.

Das 3 às 5 horas da tarde — Trabalho das secções.

A's 7 horas — Relatórios dos delegados estrangeiros.

Terça-feira 11 de Setembro

Trabalho das secções como na véspera.

Quarta-feira 12 de Setembro

Continuação do trabalho das secções.

Quinta-feira 13 de Setembro

De manhã e de tarde preparação das secções para as resoluções e relatórios a submeter ao Congresso.

A' noite, apresentação dos relatórios e resoluções. Discursos de despedida.

* * *

A Exposição psíquica está em boa via de preparação. A data de encerramento para as remessas ficou fixada em 25 de Agosto.

Uma Comissão especial ocupa-se em organizar algumas sessões: Fotografia psíquica, Mediumnidade física, Transe mediúmnico e demonstrações de clarividência.

Todas estas sessões são reservadas, de preferência, aos visitantes estrangeiros, não sendo os nossos amigos ingleses admitidos senão na medida dos lugares disponíveis.

Os relatórios que digam respeito ao Congresso podem ser ainda dirigidos ao Secretariado Geral da Federação Espírita Internacional, 8, Rue Copernic, Paris, até à data extrema de 31 de Julho.

NOTICIÁRIO

Actividade federaliva — O Conselho Superior Deliberativo da F. E. P. reúne-se no dia 26 de Agosto e a Direcção aprovou já várias propostas para submeter à sua esclarecida apreciação. Dentre essas propostas, a de maior importância é a que diz respeito à construção de sede própria, assunto êste que tem merecido à Direcção o mais disvelado carinho e interesse, dada a impossibilidade de conseguir instalação satisfatória em sedes provisórias, que difficilmente comportariam o movimento sempre crescente de sócios e não se adaptariam aos trabalhos delicados do experimentalismo metapsíquico e espiritista.

Segundo o projecto da Direcção, a sede terá uma sala com capacidade sufficiente para conter mil pessoas, a-fim-de se realizarem conferências públicas e festas de confraternização, para que os sócios estabeleçam mais intimas relações em fraternal convívio, e onde possa já realizar-se o 2.º Congresso Espirita Português, cuja oportunidade será marcada pelo mui digno Conselho Superior Deliberativo, dentro das disposições estatutárias

Congresso Espirita, Algarvio — Realiza-se no dia 14 de Outubro próximo futuro, o 4.º Congresso Regional Algarvio, por iniciativa do Grupo Espirita «*Luz, Caridade e Protecção*» e promovido pela *União Espirita Algarvia*, com a colaboração da *Federação Espirita Portuguesa*. Os nossos dedicados Confrades do Algarve compreendendo bem a alta importância daquelas reuniões regionais, quer pelo seu valor de propaganda, quer ainda pelo espirito de confraternização que representam, não quiseram deixar passar êste ano sem realizarem o seu Congresso.

A F. E. P. só tem que os felicitar sinceramente pelo seu belo exemplo de intensa actividade em prol da nossa Causa, enviando-lhes, como delegado especial, a senhora D. Maria O'Neill, que, pelas suas elevadas qualidades e virtudes, está bem à altura da representação de que é investida. A senhora D. Maria O'Neill, cujos dotes oratórios são bem conhecidos e justamente apreciados, fará, em Faro, duas conferências públicas, subordinadas aos temas: — «*O Valor do Espiritismo*»; «*A Educação das Crianças à luz do Espiritismo*».

União Espirita Alentejana — Após a conclusão do recenseamento espirita do Alentejo, os nossos dedicados Confrades daquela provincia estão trabalhando activamente para fazerem a reunião dos espiritas alentejanos, que lançará as bases da *União Espirita Alentejana*. A F. E. P. acompanha

com interesse êste fecundo movimento, que muito contribui para a expansão do nosso Ideal, prestando-lhe todo o auxilio, dentro das suas forças, na mais perfeita solidariedade.

Os membros do Centro Espirita «*Reflexos da Verdade*», de Beja, e, especialmente, o nosso dedicado amigo sr. José Zarco Júnior, ilustre director do jornal espirita «*Voz do Além*», assim como os espiritas de Moura, com o devotado Confrade sr. Segurado Faria à frente, teem sido incansáveis nos trabalhos preparatórios da União Alentejana.

A convite do Centro Espirita «*Reflexos da Verdade*», a F. E. P. promove, no dia 21 de Outubro próximo futuro, uma conferência espirita, em Beja, subordinada ao titulo: — «*O Caminho do Espirita*» — sendo conferente a senhora D. Maria O'Neill.

Propaganda espirita — A Federação Espirita Portuguesa vai iniciar, com o *Catecismo Neo-Espiritualista*, a publicação duma série de folhetos de propaganda para distribuição gratuita, constituindo a «*Biblioteca de Divulgação do Espiritismo*». A 1.ª edição do *Catecismo Neo-Espiritualista*, a sair brevemente, tem uma tiragem de 5.000 exemplares, que serão distribuidos pelos sócios da F. E. P. e pelas colectividades que possuem gabinete de leitura.

Os restantes volumes da referida *Biblioteca* serão publicados à medida que as possibilidades financeiras da Federação o permitam.

A Direcção da Federação Espirita Portuguesa resolveu que a partir do dia 1 de Setembro se encontre todas as noites, das 21 às 23 horas, na sede da mesma Federação, um director de serviço, ficando assim constituídos:

DOMINGOS — Dr. António J. Freire.

SEGUNDAS — Pedro Cardia.

TERÇAS — Engenheiro José A. Manique de Albuquerque.

QUARTAS — João José Alves.

QUINTAS — Dr. António J. Freire.

SEXTAS — António Lobo Vilela.

SABADOS — Isidoro Duarte Santos.

Lisboa, 15 de Agosto de 1928.

A DIRECÇÃO

Congresso Espirita Internacional — Foram convidados para representar a Federação Espirita Portuguesa neste importante

Congresso trienal promovido pela Federação Espírita Internacional, os nossos eminentes e dedicados Confrades: — Sr. Jean Meyer, ilustre director da «*Revue Spirite*» e Vice-Presidente da F. E. I. e da União Espírita Francesa, e o Sr. André Ripert, ilustre Secretário Geral da F. E. I. e Administrador da Casa dos Espíritas.

Realizando-se durante o Congresso uma exposição de publicações espíritas, a F. E. P. convidou todas as Revistas e Jornais de espiritismo que se publicam em Portugal, a enviar alguns exemplares para aquela exposição, encarregando-se de enviar, por intermédio dos seus delegados, as publicações que o não desejassem fazer directamente.

A Federação Espírita Portuguesa enviou ao Congresso duas propostas sôbre orientação geral da propaganda.

Participações — Tiveram a gentileza, que muito agradecemos, de nos comunicar os seus novos corpos gerentes, as seguintes colectividades espíritas do Brasil:

Centro Espírita Marannense — S. Luis;
Sociedade Espírita Discipulos de Jesus
— Maceió (Alagoas);

Grupo Espírita Dr. Manuel da Cruz
— Maceió (Alagoas);

Grupo Espírita «Anibal Cardoso» —
Maceió (Alagoas);

Cruzada Espírita Pernambucana — Recife (Pernambuco);

Centro Espírita Caridade e Fraternidade — Areia (Parahyba);

Aliança Espírita de Bagé — Bagé.

Fazendo sinceros votos para que a Luz Cristã guie os passos dos ardorosos e abnegados apóstolos que fazem parte dos corpos gerentes daquelas colectividades, daqui lhes enviamos fraternais saudações.

Centro Espírita de Brêa (Vila Nova de Cerveira) — A-pesar-das perseguições acintosas de que teem sido vítimas os nossos dedicados Confrades do Concelho de Vila Nova de Cerveira, por parte de alguns católicos militantes, tem tomado grande desenvolvimento a propaganda espírita em algumas povoações dêste concelho, devido à corajosa tenacidade dos nossos Confrades.

Agora o nosso prestimoso Confrade, sr. António Joaquim Magalhães, está construindo, a expensas suas, um edificio para sede própria do «*Centro Espírita de Brêa*», sendo digna de todo o louvor esta nobre e abnegada iniciativa, cujo exemplo desejamos que frutifique e registamos com o mais vivo prazer.

Movimento Espírita de Moçambique

— Registamos com subido júbilo o desenvolvimento que está tomando o Espiritismo na ilha de Moçambique, um dos mais fortes e activos núcleos espíritas das Colónias Portuguesas da Africa Oriental, graças à intensiva propaganda dos nossos Confrades ali

residentes. Dentre os mais esforçados e inteligentes propagandistas devemos salientar o nosso dedicado Confrade sr. António Sebastião Monteiro, a quem a Federação Espírita Portuguesa deve valiosos serviços para a sua expansão, naqueles vastos domínios de Além-Mar.

Aproveitando a feliz oportunidade do casamento civil dos nossos Confrades, D. Emilia Josefa da Costa, tutelada e afilhada do sr. António Sebastião Monteiro, com o médium sr. Guilhermino José Pires, conceituado funcionário público, o nosso ilustre Confrade sr. Capitão Germano Diniz, fazendo as vezes de official do Registo Civil, produziu uma brilhante alocução espírita no final da cerimónia dêste auspicioso enlace, que deixou profunda impressão na selecta assistência.

O «*Cinema Parque*», de Moçambique, exhibiu, em sessão da moda de 21 de Abril, gentilmente dedicada aos Espíritas daquela florescente cidade, no seu magnifico salão, o célebre *film* espírita, em 8 partes — *O fantasma do Moulin Rouge*. Este interessante *film* obteve um verdadeiro successo, tendo a numerosa concorrência esgotado por completo a vasta lotação da casa.

A Direcção da «Federação Espírita Portuguesa» participa aos sócios a reabertura dos trabalhos experimentais e de propaganda doutrinária (conferências, palestras e diálogos), todos os domingos, às quinze horas, na sede da Federação.

Lisboa, 30 de Agosto de 1928.

A DIRECÇÃO

União Espírita Paraense — Esta importante colectividade espírita do Pará, ligada desde a primeira hora à Federação Espírita Brasileira, numa nitida e digna compreensão dos seus deveres de fraternidade, teve a gentileza de nos comunicar a constituição da sua nova direcção para o corrente ano.

A' sua frente encontra-se, como Presidente, o brilhante escritor espírita brasileiro sr. Nogueira de Faria, que é uma das figuras de maior prestigio no meio espírita do Brasil e cuja bela obra — *O Trabalho dos Mortos* — é bastante conhecida e justamente apreciada em Portugal.

Fazem parte também da Direcção os nossos ilustres Confrades, srs.: Sylvio Nascimento, vice-presidente; Aurélio A. Valente,

1.º secretário; José Francisco Rodrigues, 2.º secretário, e Angelo de Carvalho Brito, tesoureiro.

Os seus nomes são garantia segura do bom êxito da sua gerência. Fazendo votos pelas suas prosperidades espirituais, saudamos esses valorosos e devotados apóstolos da nova era cristã.

A' «*União Espírita Paraense*», que completou em 20 de Maio passado 22 anos de gloriosa existência, enviamos os nossos fraternais cumprimentos, ambicionando-lhe uma vida repleta de prosperidades e de triunfos.

Centro Espírita «Amor e Caridade» — Soutoza — (Vizeu) — Comemorou êste Centro o seu 2.º aniversário com um bodo a quarenta pobres e com uma sessão pública de espiritismo, em que houve comunicações espíritas de grande elevação moral, as quais produziram profunda e salutar impressão entre alguns assistentes incrédulos.

Fazemos votos para que êste Centro espírita continue sendo um núcleo de irradiação da caridade material e espiritual.

Concentração mental — A Federação Espírita Espanhola, com quem a F. E. P. mantém as mais íntimas e fraternais relações, vai realizar a sua Assembleia Geral em 30 de Setembro próximo futuro. Aproveitando aquela feliz oportunidade, os nossos Confrades espanhóis fazem uma concentração mental, enviando uma poderosa onda telepática de fraternidade e amor pela Humanidade.

A Direcção da F. E. E. teve a gentileza de convidar a F. E. P. a associar-se fraternalmente àquela generosa iniciativa. Fazemos, pois, apêlo a todos os espíritas portugueses para que, *no dia 30 de Setembro, às 16 horas*, em perfeita vibração sintonica com os seus Confrades Espanhóis, façam uma concentração mental de dois minutos pela *Paz e Harmonia Universal* e pelo *Progresso mundial do Espiritismo*, como um dos meios mais fecundos de resgate e redenção da Humanidade.

Na sede da F. E. P. realiza-se no dia 30 de Setembro, às 16 horas, uma concentração mental de comunhão com os nossos Confrades Espanhóis.

Aniversários — Completou no dia 1 de Maio próximo passado mais um ano de gloriosa existência o nosso Colega do Rio de Janeiro «*Aurora*», brilhante quinzenário dirigido pelo nosso ilustre Confrade sr. Inácio Bittencourt, que conta 40.000 exemplares de tiragem e é um dos mais fervorosos e devotados paladinos da Causa Espírita.

— Também no dia 1 de Julho entrou no 9.º ano de existência o nosso ilustre Colega a «*Luz*», de Maceió, dirigido pelo sr. Francisco Fialho, que é um dos mais devotados amigos da Federação Espírita Portuguesa, no Brasil.

— No dia 15 de Agosto entra no 24.º ano de existência «*O Clarim*», importante semanário espírita, que se publica em Mattão, (Estado de S. Paulo), sob a direcção do consagrado escritor brasileiro sr. Cairbar Schutel.

A todos enviamos as nossas felicitações. — O nosso colega nacional «*Luz e Caridade*», importante revista de distribuição gratuita, órgão do *Centro Espírita de Braga*, completou mais um ano de gloriosa e fecunda existência, motivo por que felicitamos sinceramente os dedicados Confrades que dirigem e sustentam tão útil publicação.

Notícias diversas — O nosso benemérito Confrade, sr. Fonseca Moreira, ocupando um lugar de destaque no alto comércio do Rio de Janeiro, sócio devotado da F. E. P., mandou construir um edifício para uma *Escola Mista*, na terra da sua naturalidade — Estradinha, Concelho de Felgueiras. Este nosso prezado Confrade tem já dispendido muitas dezenas de contos em melhoramentos e obras de beneficência no seu concelho natal, em perfeita coerência com as suas convicções espíritas.

— Ficou dirigindo a secção portuguesa da «*União da Paz do Mundo*», com sede em Londres, o activo e dedicado propagandista, sr. João Salvador Marques, que a esta grande obra meritória vem dedicando tãda a sua actividade e inteligência com uma fé inquebrantável, digna de todos os elogios.

— Teve a gentileza de aceitar a representação da «*Revista de Espiritismo*», em Paris, onde reside permanentemente, o nosso ilustre Confrade sr. Manuel de Costa Soares, estudante de Medicina, — Rue des Bernardins, 9 — Paris (V.º).

Caixa de Propaganda

(Subscrição Permanente)

Centro Espírita do Pôrto — 10\$00; José da Luz Ruas — 15\$00; José Duarte Gomes — 30\$00; José Maria Marques — 40\$00; António Pereira — 50\$00; Teófilo Graça de Oliveira — 20\$00; Firmino de Aussenção Teixeira — 400\$00; B. F. — 100\$00; P. J. C. — 100\$00; A. J. T. — \$95; António Raimundo — 10\$00.